

ARLEI SANDER DAMO

PARA O QUE DER E VIER

**o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do
Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**

Porto Alegre - 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

PARA O QUE DER E VIER

**o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do
Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**

ARLEI SANDER DAMO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Ruben George Oliven

Porto Alegre, abril de 1998

À memória de

Victor Aurélio Luccaora (Tio Vito) e
Prof^a Maria Noemi Castilhos Brito

SINOPSE

Este trabalho é resultado de uma pesquisa etnográfica, realizada junto ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores, acerca do pertencimento clubístico. Tendo esses torcedores como referência, são abordados vários aspectos da relação torcedor-clube de futebol no Brasil. Considerando-se esta relação como a mola propulsora do gosto pelo futebol, são investigados os aspectos simbólicos constitutivos das rivalidades entre os clubes e, por extensão, entre seus torcedores. Como tais rivalidades transcendem o universo específico do futebol, busca-se identificar, através delas, os pontos de intersecção entre este esporte e outras esferas da sociedade brasileira. Sendo o Grêmio um clube de Porto Alegre e as rivalidades locais as mais densas, é por oposição ao Sport Club Internacional, o “outro” porto-alegrense, que os gremistas se pensam primeiramente. Também se pensam entre si, enquanto totalidade, uma comunidade de sentimento traduzida pelo termo êmico *nação*. E quando o Grêmio vence equipes de outros Estados, especialmente do centro do país, permite expressar os antigos e ao mesmo tempo atuais sentimentos regionalistas. Em mostrar como pode o pertencimento clubístico operar em tantas frentes, e como procede em cada uma delas, constitui o propósito desta dissertação.

ABSTRACT

This text is the result of an ethnographic research done with Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense and its fans about their adherence to the club. Having the fans as reference, various aspects about the relationship between them and a soccer team in Brazil are broadened. Considering this relationship as the main motivation for the enthusiasm with soccer, the symbolic aspects that constitute the rivalry between clubs, and, by extension, between the respective fans, are researched. Since this rivalry transcends the specific universe related to soccer, I try to identify, through it, the intersection points between this sport and other realms of the Brazilian society. Since Grêmio is a club from Porto Alegre and the local rivalry is the densest, the fans of Grêmio first think about themselves by the opposition to Sport Club Internacional, the Porto Alegre “other”. They also think about themselves as a totality, a community of sentiment, which is translated by the term “*nação*”. And when Grêmio defeats teams from other states, specially from the center of the country, this causes them to express the old and, at the same time, current regional feelings. Thus, the purpose of this dissertation is to show how the adherence to a team can operate in so many ways, and how it performs in each one of the ways explored.

Este trabalho também pertence...

À CAPES, pelo suporte financeiro na graduação e no mestrado.

A Silvino Santin, que me ensinou a escrever.

Aos meus colegas, aos professores e às funcionárias do
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

A Ruben George Oliven, meu orientador.

Aos meus pais, irmão e avó, pela compreensão diante da minha ausência.

À Patricia, que dividiu comigo os altos e baixos ao longo destes últimos três anos,
impedindo que eu me tornasse a própria dissertação.

A todos aqueles com quem estive ao longo do trabalho de campo,
em especial, ao pessoal do Museu do Grêmio.

Sou-lhes grato para sempre!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
--------------------	---

CAPÍTULO I

A EMERGÊNCIA DO ASSOCIACIONISMO ESPORTIVO E DO FUTEBOL: UMA VISÃO PANORÂMICA

1.1. A restrição à violência e a emergência dos esportes modernos	16
1.2. O surgimento do associacionismo e a difusão dos esportes modernos	25
1.3. A democratização do futebol e as classes trabalhadoras	30

CAPÍTULO II

CLUBE DO CORAÇÃO: BOM PARA TORCER, BOM PARA SE PENSAR

2.1. O caleidoscópio clubístico	36
2.2. O <i>habitus</i> associacionista	41
2.2.1. Os clubes de elite	41
2.2.2. Os clubes-equipes	49
2.2.3. Os clubes de fábrica	53
2.2.4. As “Peladas”: um contraponto	57
2.3. Os torcedores e seus clubes	60
2.3.1. Torcer, participar e significar	60
2.3.2. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes como categorias do entendimento	66

CAPÍTULO III

SER GREMISTA OU COLORADO: EIS A QUESTÃO

3.1. Alguns dados sobre o perfil de gremistas e de colorados	75
3.2. A cidade polarizada	85
3.2.1. A chegada dos <i>meetings</i> e <i>clubs</i> a Porto Alegre	85
3.2.2. Itinerários das paixões	95
3.3. Gre-Nal em preto e branco	99
3.3.1. A Liga dos Canelas Pretas	100
3.3.2. Os Diabos Rubros do Rolo Compressor	105
3.3.3. Tesourinha: do Areal da Baronesa à unanimidade	109
3.3.3.1. Ao Internacional: o futebol	109
3.3.3.2. Ao Grêmio : a cor	111

3.4. Olímpico e Beira Rio: materializando as diferenças	116
3.4.1. A simbólica dos estádios	116
3.4.2. <i>Coréia</i> e camarotes: os espaços diacríticos.....	122

CAPÍTULO IV

NAÇÃO GREMISTA

4.1. Comunidade de sentimento e nação-clubes de futebol.....	132
4.2. Crise de identidade e reinvenção das tradições.....	138
4.2.1. A derrocada do amadorismo no Grêmio.....	138
4.2.2. A mobilização dos torcedores e o fim da crise.....	148
4.3. Pertencimento e êxtase coletivos.....	155
4.3.1. “Para o que der e vier”: Grêmio <i>versus</i> Palmeiras.....	156
4.3.2. “Com o Grêmio onde o Grêmio estiver”: Palmeiras <i>versus</i> Grêmio.....	161
4.3.3. “Ao vencedor as batatas”: Flamengo <i>versus</i> Grêmio - parte I	168
4.4. Nos bastidores do Grêmio.....	172
4.4.1. Os consules gremistas.....	173
4.4.1. Dona Ema e Tia Dalva.....	176

CAPÍTULO V

AH! EU SÔ GAÚCHO!

O NACIONAL E O REGIONAL NO FUTEBOL-BRASILEIRO

5.1. Futebol e “futebóis”: estilo brasileiro e diversidades regionais	183
5.1.1. A invenção do estilo brasileiro	185
5.1.1.1 A contribuição fundante de Gilberto Freyre	186
5.1.1.2. Idas e vindas do futebol-arte	189
5.1.2. A invenção do estilo gaúcho	193
5.1.2.1. Do regionalismo ao gauchismo	195
5.1.2.2. O regionalismo no futebol	199
5.2. Encaixes e desencaixes do estilo gaúcho no futebol-arte	206
5.2.1. O Grêmio e o mal-estar no futebol-arte.....	207
5.2.1.1. O antiestilo	208
5.2.1.2. Violento não, pegador!	214
5.2.2. Com a palavra os torcedores	219
5.2.2.1. O pacto	220
5.2.2.2. Indignação e protesto	222
5.2.2.3. “Ao vencedor as batatas” - parte II	224
PRORROGAÇÃO.....	229
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	232
ANEXOS	

APRESENTAÇÃO

Mistério da Bola

A estética do torcedor é inconsciente: ele ama o belo através de movimentos conjugados, astuciosos e viris, que lhe produzem uma sublime euforia, mas se lhe perguntam o que sente, exprimirá antes uma emoção política. Somos Fluminenses ou Vascos pela necessidade de optar, como somos liberais, socialistas ou reacionários. Apenas, se não é rara a mudança do indivíduo de um para outro partido, nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo em favor de outro. (Carlos Drummond de Andrade, in: Revista do Grêmio nº11, ano II:44; s/d)

O futebol, diz-se, “é paixão nacional”. Movimenta cifras vultosas, emprega, direta ou indiretamente, um grande contingente de trabalhadores, é responsável por manifestações coletivas e está presente no cotidiano da mídia e nas conversas informais. Há, evidentemente, os que lhe são refratários; os que consideram excessivo o tempo e o espaço a ele dedicado em detrimento dos “verdadeiros” dilemas nacionais e, embora minoria, há aqueles que se dizem completamente indiferentes.

O mesmo tema que se presta para entabular diálogos informais - “e aí, a quantas anda o teu time?”, “qual é teu palpite para o jogo de logo mais”, etc - pode gerar desavenças profundas, incluindo desde insultos verbais até agressões físicas. Entre um extremo e outro, o futebol permite que até mesmo o mais humilde cidadão expresse sua opinião, sua subjetividade, enfim, quase todos têm algo a dizer quando o tema é futebol.

Se me permitem uma analogia, o futebol cumpre a mesma função significativa do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino. É tão corriqueiro entreter-se com “as coisas do futebol” que, por vezes, isto parece natural, tão natural quanto o vestir-se. Num país em que a “rua” é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das “brincadeiras” preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu. Pode parecer exagero de minha parte mas, salvo raras exceções, o futebol está inserido na esfera das necessidades, tal qual o uso do vestuário. Embora por vezes se apresentem como natural ou necessário, ambos são imposições sociais de ordem cultural e, portanto, plenos de significado.

Assim como ocorre em relação ao vestuário, o futebol é constantemente atualizado. Se, na moda, existem as tendências da estação, no futebol tem-se várias competições distribuídas ao longo do ano e, tanto um quanto outro, parecem obedecer uma temporalidade cíclica. Há também os produtores, críticos, exibicionistas, modelos, os que estão *in* e *out*, correspondendo, a cada grupo, espaços bem determinados, quer na moda quer no futebol. A analogia poderia ser ampliada, mas, considerando-se os fins pelos quais foi suscitada, já basta, cabendo, apenas, uma última consideração.

Se com relação ao vestir-se, opta-se não apenas entre o nu e o vestido mas por vestir-se de uma determinada forma, o mesmo equivale para o futebol. À exceção de uns poucos que lhe são indiferentes, quem gosta de futebol não apenas aprecia sua prática ou fruição senão que o faz a partir de um referencial, o “clube do coração”. Trata-se de uma “máscara” que resulta, como sugere o poeta Drummond, “da necessidade de optar” e, ainda que não esteja muito claro por que esta necessidade se impõem, sabe-se, contudo, tratar-se de uma “profissão de fé”; a opção é para sempre.

Apreciar o futebol como um todo não basta, é preciso torcer por um clube. Muitos torcedores de ocasião, como é o caso dos políticos oportunistas, muitas vezes desconhecem o que se passa no universo futebolístico mas, ainda assim, se dizem gremistas, colorados, flamenguistas e assim por diante. A paixão clubística desafia até mesmo uma máxima, segundo a qual “gostar de futebol” pressupõe ‘entender de futebol’, o que só é conseguido através da prática do jogo” (Guedes, 1982:62). Se é raro encontrar um futebolista praticante que não tenha seu “clube do coração”, é comum pessoas com escassa ou nenhuma prática deste esporte se dizerem torcedores fanáticos. Em outras palavras, a opção clubística transcende o próprio futebol, e isto, por si só, coloca uma interrogação a ser aprofundada ao longo desta dissertação.

Alguns números são reveladores da extensão da paixão clubística no contexto brasileiro. Tomemos como exemplo o fórum de debates na *internet* organizado pelo “Brasil On-line/Grupo Abril” (<http://www.uol.com.br/bol/>). Entre os vários temas sugeridos pelos próprios visitantes encontra-se, evidentemente, o futebol. O que chama a atenção, desde logo, é que os fóruns “País do Futebol” e “Seleção Brasileira” receberam, nos meses de dezembro/97 e janeiro/98, 38 e 59 mensagens, respectivamente. Mesmo o “Fluminense”, clube rebaixado, pela segunda vez consecutiva, à “série B” do certame nacional, recebeu, no mesmo período, mais recados do que o “País do Futebol” e “Seleção Brasileira”, 79 no total. Já o “Flamengo”, 548; e o “Palmeiras”, 551; despontam como os mais visitados, superando, inclusive, “Ponto de

Encontro”, 518; “Esoterismo e Nova Era”, 491; “Aborto”, 443; e outros temas polêmicos de interesse variado como “Democratização da Maconha”, 381; “Globalização”, 134; e “Desemprego”, 104. É evidente que estes dados têm muito a ver com o perfil do internauta brasileiro; 83% masculino, entre 15 e 37 anos (<http://www.ibope.com.br>). Ainda assim, alguns dados impressionam e, é bom deixar claro, está se desconsiderando, aqui, o conteúdo das mensagens, bem como se são breves, extensas, repetitivas e assim por diante.

Embora os 12 fóruns dos clubes brasileiros de maior torcida correspondam a apenas 17% do total de fóruns disponíveis, eles contribuem com 38% do total de mensagens atualizadas pelo “Brasil On-line”; em números absolutos, isto corresponde a 3.884. Enquanto a média geral de mensagens por fórum gira em torno de 150, aqueles referentes aos clubes chegam a 323. Este dado é tão significativo que, se fossem excluídos os fóruns dos clubes, a média de mensagens baixaria para 107, ou seja, sofreria uma redução em torno de 25%. Futebol por futebol, os fóruns dos clubes superam em 2.456% as mensagens deixadas no “País do Futebol” e “Seleção Brasileira”; fóruns que, a rigor, visam o mesmo público que frequenta os “clubes”. Isto comprova, a meu ver, que no Brasil se pensa e se discute futebol tendo como referência os clubes.

A “Top of Mind”¹ e a “Top Kids”² 1997, publicadas na revista “Amanhã” (nº 118, abril/1997), revelaram alguns dados que vêm ao encontro das afirmações precedentes. Diante da pergunta do entrevistador, “Quando eu falo em time de futebol, que marca lhe vem à cabeça?”, apenas 1,5% dos adultos “não responderam” ou “não souberam” informar; índice superado apenas pelo item “cerveja”, 0,9%. O dado é revelador pois, diferentemente do perfil do internauta, preponderantemente masculino, especialmente os que frequentam os fóruns dos clubes, na “Top of Mind” e na “Top Kids” foram ouvidas pessoas de ambos os sexos. Os dados revelados pela “Top Kids” são ainda mais impressionantes: nenhum (a) dos (as) entrevistados (as) se furtou à

¹ “A pesquisa Top of Mind 1997 capta a lembrança imediata das pessoas quando pensam em uma determinada categoria de produto ou serviço. (...) Neste tipo de pesquisa, (...) o entrevistado é convidado a citar, a cada estímulo do entrevistador, o primeiro nome que lhe vem à cabeça. (...) Por isso as respostas são espontâneas e não induzidas. (...) A Top of Mind Rio Grande do Sul 1997 ouviu 1.200 consumidores de ambos os sexos e de todas as classes sociais, com idades entre 16 e 565 anos, em Porto Alegre, região metropolitana e seis mesoregiões do interior” (Amanhã, “As marcas do Rio Grande, ano XI, nº 118:)

² “A pesquisa Top Kids seguiu a mesma metodologia do Top of Mind. A diferença está na amostra - foram entrevistadas 300 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos de idade, de Porto Alegre e Grande Porto Alegre. (...) Os entrevistados responderam à pergunta: ‘Quando eu falo em (item), que marca lhe vem à cabeça?’”

resposta quando perguntado (a) sobre “time de futebol”. O índice dos que “não sabiam” ou “não responderam” foi zero, superando, inclusive os itens “refrigerante”, 4,7%; “chocolate”, 7,3%; e “programa de TV”, 8,7%. Resumindo, os clubes ou times - por hora esta distinção não importa - estão na “cabeça” dos gaúchos e, não há razões para crer que estes dados sofreriam alterações substanciais se a pesquisa contemplasse todo o território brasileiro.

O futebol, ao qual Hobsbawm (1987) se referiu como “a religião leiga da classe operária” e, principalmente, a paixão clubística que, como afirma Sevcenko (1994), “irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos”, possuem forte apelo popular, a ponto de muitas vezes subverter os códigos e valores cotidianos. Porém, tratando-se de pesquisar na “loucura do futebol” (Lever, 1983), surgem inúmeras dificuldades, dentre as quais a delimitação do universo a ser investigado.

Diferentemente das “etnografias realistas” (Clifford, 1995), em que a comunidade ou grupo é que determinam o objeto da pesquisa, justamente porque são, em geral, bem definidos até mesmo do ponto de vista geográfico, em se tratando de futebol, os “informantes” constituem um universo extremamente amplo e, o que é ainda mais problemático, estão em todos os lugares. Nesta perspectiva, o mais aconselhado é deixar, por um momento, a questão do “universo” em suspenso, a ser definida e problematizada depois de se ter claro algumas questões mais pontuais, como por exemplo, um conjunto restrito de “objetos” e “objetivos”. Foi esse o caminho adotado desde o princípio desta dissertação. Voltarei à questão do universo no momento oportuno mas, devo deixar claro, desde logo, esta será sempre “problemática” e, dada a configuração atual das chamadas “sociedades complexas”, não vejo como superar completamente a fluidez do campo.

O segundo desafio de pesquisar no futebol é segmentar a magnitude do fenômeno social. Sua extensão e o grau de interferência na vida dos cidadãos deve, necessariamente, ser vislumbrado a partir de um conjunto restrito de questões, sem perder de vista sua totalidade. Creio ser esta a razão principal quando escolhi a paixão clubística como objeto desta dissertação. Como uma espécie de mola propulsora do universo futebolístico, o “amor pelo clube (time) do coração”,³ revela, para além de

³ Daqui por diante usarei “time” para me referir à “equipe” propriamente dita, uma configuração de atletas que muda de um jogo para outro. “Clube”, por sua vez, refere-se à instituição político-administrativa a qual o “time” está vinculado. Do ponto de vista dos torcedores e até mesmo da mídia especializada, “time” e “clube” são, em geral, tomados como sinônimos. Aqui, porém, esta distinção é fundamental.

certos “comportamentos exóticos” - não raros neste contexto, mas que fogem aos interesses deste trabalho -, aspectos centrais sobre o que se poderia resumir como “uma forma de sociabilidade através do conflito” (Lever, 1983).

Torcer por um clube de futebol é, antes de mais nada, participar ativamente da vida social. Esta participação começa pela escolha, desde muito cedo, por uma entre as inúmeras agremiações clubísticas. Tal escolha, “personalizada e pessoalíssima”, permite, como afirma DaMatta, “redefinir a identidade social num nível mais amplo. Um nível que é a um só tempo nacional e cívico, pois fica além da casa e da família. Um nível que tem a ver com um universo feito de indivíduos e de normas universais e que se realiza concretamente na “rua” - no estádio, em pleno domínio público” (1994: 16).

Um dos aspectos mais importantes desta escolha, que mobiliza os laços de sociabilidade mais próximos, chegando, em certos casos, a formar torcedores fiéis a um mesmo clube por três e até quatro gerações no âmbito de uma família, é que, uma vez realizada, não pode ser alterada. Há casos de torcedores “órfãos”, cujos clubes se tornaram moribundos; existem os “sofredores”, que torcem por clubes que passam inúmeras temporadas sem conquistar títulos; e há ainda os “desesperados”, cujo futuro é tão nebuloso quanto o presente. A mudança de opção é contudo rara e, quando ocorre, é permeada por atribulações de toda ordem, sendo que a primeira escolha dificilmente será esquecida. Sendo assim, o “clube do coração” deixa de ser uma escolha *ad hoc* e, mesmo levando-se em consideração seus aspectos contingenciais e emocionais, cabe ao torcedor o ônus desta opção. Torcer é o mesmo que pertencer - só não uso a expressão “pertencedores” porque o termo “torcedores” já está consagrado, tanto no cotidiano quanto nos trabalhos acadêmicos sobre o tema -, o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações. Tudo isso, é claro, de acordo com a importância e o significado assumidos pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada torcedor.

É em torno deste *sentimento de pertença* que gravita esta dissertação. Não pretendo, ao final, esboçar uma teoria sobre as razões pelas quais o pertencimento clubístico é único e imutável. Também não espere o leitor encontrar aqui uma única definição sobre este sentimento, nem mesmo uma síntese do que seria um “tipo ideal” de torcedor. Gremistas, colorados e flamenguistas são cidadãos quaisquer, que partilham, entre outras coisas, o gosto pelo futebol. Justamente porque partilham uma série de dilemas sociais, sendo o futebol capaz de tornar público e de maneira muito

peculiar alguns desses conflitos, é que existem as rivalidades clubísticas, algumas delas circunscritas à esfera local, outras regionais e até nacionais. Meu desafio é, portanto, apreender, a partir do ponto de vista dos torcedores, os aspectos simbólicos das disputas futebolísticas, especialmente aqueles que transcendem o jogo propriamente dito. Afinal, quais são, como e por quem são operacionalizados estes “aspectos simbólicos”?

Antes de apresentar o resultado do trabalho de campo, ou se se preferir, as respostas às indagações precedentes, convém explicitar alguns aspectos mais gerais sobre o fenômeno esportivo e a produção de identidades sociais nesse contexto. Sendo assim, o primeiro capítulo, consiste num panorama acerca da emergência dos esportes modernos, em especial do futebol, no cenário europeu pós-Revolução Industrial. Procuo resgatar, a partir da bibliografia atualizada sobre o tema, os aspectos centrais do viés institucionalizado do futebol. Destaco, em particular, o processo de conversão dos antigos jogos populares em esportes modernos e o papel desses últimos na disseminação e consolidação de um padrão de sociabilidade urbana, associativa, competitiva e disjuntiva. Não se trata, evidentemente, de uma “fixação na origem”. O futebol sofreu, ao longo de sua diáspora, iniciada no final do século passado, significativas transformações e estas são mais facilmente entendidas quando visualizadas a partir do processo histórico. É nesta perspectiva que sugiro a leitura do primeiro capítulo como um panorama acerca da emergência do fenômeno esportivo, especialmente em relação à passagem do amadorismo ao profissionalismo e do despertar associacionista. Como se trata de uma releitura de publicações já existentes, este capítulo está especialmente dirigido àqueles que não estão familiarizados com a produção acadêmica sobre o fenômeno esportivo em geral e o futebol em especial.

O segundo capítulo é uma continuação do primeiro, à medida que fornece um panorama genérico sobre o processo de introdução e popularização do futebol no Brasil. A diferença em relação a outras abordagens sobre o tema, cujos dados e interpretações me foram extremamente úteis, é que procuro reconstituir o referido processo a partir da onda associacionista que varreu o Brasil no princípio do século e culminou com a fundação de inúmeros clubes. Pretendo explicitar, por um lado, a importância dos clubes na disseminação do *ethos* esportivo e dos ideais associacionistas e, por outro, o surgimento de um público fiel a estas agremiações, os chamados torcedores. A constituição desse público será cotejada a partir das transformações decorrentes da passagem do amadorismo para o profissionalismo. Ao longo deste processo, muitos clubes considerados “grandes” no princípio do século simplesmente desapareceram ou

desligaram-se do futebol. Surgiram outros, inicialmente restritos a uma determinada comunidade étnica ou mesmo a ruas, bairros e vilas operárias. Alguns não prosperaram, enquanto outros foram tão bem sucedidos que integram, atualmente, o seleto “grupo dos 13”. É em torno destes “13 grandes” clubes do futebol brasileiro que se distribuem as preferências clubísticas de quase 80% dos torcedores, de ambos os sexos, de todas as idades e dos lugares mais longínquos. Eles não têm grandes torcidas porque são grandes mas, de modo inverso, são grandes à medida que conseguem mobilizar extenso contingente de pessoas e isto se deve, principalmente, à existência de fortes rivalidades entre eles. Que modalidade de rivalidades são essas? Como surgiram e como são operacionalizadas?

O terceiro capítulo trata de dois destes “grandes” clubes, do Grêmio e do Internacional, ou melhor, da rivalidade Gre-Nal. O objetivo principal é mostrar, sob diferentes perspectivas, como a rivalidade Gre-Nal foi sendo constituída. O que levou, por exemplo, os gremistas e os colorados à edificação de dois dos maiores estádios privados do Brasil? Por que o Grêmio é, ainda hoje, um clube tido como “branco e elitista” enquanto o Inter é pensado de forma contrária, ou seja, como o clube dos “negros e populares em geral”? Apresentarei, inicialmente, uma série de dados estatísticos que demonstram não haver qualquer diferença em termos de classe social - em termos étnicos a diferença também não chega a ser expressiva, embora exista - entre os torcedores de um e de outro clube. A partir desta constatação, procuro reconstituir o processo que, se não deu origem, pelo menos acentuou as dicotomias, bem como as razões simbólicas que fazem com que elas sejam permanentemente atualizadas e como o são.

O quarto capítulo enfoca o Grêmio e os gremistas. A partir da aproximação entre o termo êmico *nação*, amplamente disseminado entre os torcedores, e a categoria analítica nação-Estado, busco nas noções de “comunidade de sentimento” (Weber, 1974) e “comunidade imaginada” (Anderson, 1987), subsídios para pensar meus dados etnográficos. Nesta perspectiva, valho-me de fontes orais e escritas para compreender o processo de reinvenção das tradições gremistas, ocorrido mais ou menos nas décadas de quarenta e cinquenta, quando o clube enfrentou uma crise sem precedentes. A difícil passagem do amadorismo para o profissionalismo foi extremamente conturbada e quase levou o clube ao abandono do futebol. Só não teve este desfecho graças à intensa mobilização dos torcedores que popularizaram e, pode-se dizer, reinventaram o Grêmio. Trago também vários relatos etnográficos da minha presença entre os gremistas em dias

de jogos, treinos, no museu, no pátio, enfim, em tempos e espaços diferenciados a que correspondem distintas configurações de gremistas. Um dos objetivos deste capítulo é mostrar como existem inúmeras modalidades de apropriação do “clube do coração”, no caso do Grêmio; a passagem de indivíduo (cidadão) a pessoa (torcedor); a diversidade de papéis representados por torcedores organizados, não-organizados, dirigentes, cônsoles e torcedores-símbolos.

Finalmente, no quinto capítulo, discuto, a partir da performance do Grêmio entre 1995 e 1997, a polêmica em torno das identidades regionais e nacionais. As inúmeras conquistas do Grêmio nesse período suscitaram uma série de manifestações acerca do estilo gremista de jogar futebol e, por extensão, do “ser gaúcho”. Criou-se, então, uma polêmica extra-campo, desde as arquibancadas até a mídia especializada e, em determinado momento, até políticos e editores de jornais entraram no debate. De um lado, os que consideravam o Grêmio um time violento. De outro, os que viam nele apenas um espírito guerreiro. Como enquadrar o estilo gremista no cenário nacional, se ele parecia afrontar o “futebol-arte”, desde muito caracterizado como próprio dos brasileiros? Eis a questão. O que, no princípio, poder-se-ia considerar uma discussão circunscrita ao universo futebolístico, acabou voltando-se para a esfera das identidades regionais e às antigas, porém atuais, querelas entre gaúchos e brasileiros. Mais uma das tantas faces do pertencimento clubístico. Ou, por outra, como os dilemas nacionais são operacionalizados a partir do futebol.

Esta dissertação é resultado de um intenso trabalho de campo iniciado no princípio de 1996, intensificado entre setembro e dezembro do mesmo ano e só concluído com a redação das últimas páginas. Ocorre que, pesquisando em sua própria sociedade, o antropólogo é constantemente surpreendido com o campo batendo-lhe à porta. E quando o tema é futebol e se está no Brasil, não importa em que lugar, isto ocorre com muita frequência. O último capítulo, por exemplo, foi uma imposição do campo; pouco importando se havia planejado e coletado dados para escrever outro em seu lugar. Teve de ser escrito. Lendo-o talvez seja mais fácil entender por quê.

A fluidez do campo e a dificuldade de estabelecer fronteiras em relação ao universo me acompanharam do princípio ao fim. Antes de torná-las um empecilho, procurei aprender com elas e, à medida do possível, incorporá-las ao trabalho. Há certos imponderáveis neste procedimento, especialmente em relação à generalização de alguns dados e, em razão disso, busquei diversificar o máximo minhas fontes. Se a extensão do

fenômeno esportivo em geral e do futebol em especial foram tomados como justificativas para estudá-los, urge não convertê-los, logo adiante, num obstáculo.

Sendo assim, não limitei meu universo ao pátio e ao museu do Olímpico ou do Beira Rio; ambos a dez minutos, se tanto, da minha casa. Viajei com os torcedores e percorri a cidade observando, fotografando e, porque não, participando de suas comemorações tresloucadas; li, recortei e copiei artigos de jornais e revistas, tanto antigas quanto atuais; ouvi rádio como nunca; fui aos jogos no Olímpico e no Beira Rio, na “coréia”, nas arquibancadas, nas cadeiras - só não fui convidado às tribunas e camarotes; freqüentei o “Boca-Loca”, botequim da minha rua onde se juntam gremistas e colorados para assistir e, principalmente, discutir futebol; fui à casa de vários entrevistados; ouvi pessoas de todas as idades, homens e mulheres, desde aqueles tidos como torcedores *anônimos* até os *ilustres*; enfim, mergulhei a fundo nas “coisas do futebol”. Espero, agora, traduzir essa experiência; com o distanciamento que o fazer antropológico recomenda e o “gostar de futebol” me permite.

Sou gremista “pela necessidade de optar” e herdei esta “máscara” de um primo que admirava muito, ainda na infância. Mas escolhi o Grêmio e os gremistas - sem, contudo, prender-me a eles - para compreender o pertencimento clubístico porque estou me tornando antropólogo e, como tal, tinha de estar no lugar mais apropriado. Nesses últimos três anos, a efervescência foi tricolor e, por esta razão, estive mais vezes com os gremistas, especialmente no período mais intenso do trabalho de campo.

CAPÍTULO I

A EMERGÊNCIA DO ASSOCIACIONISMO ESPORTIVO E DO FUTEBOL: UMA VISÃO PANORÂMICA

Embora a compreensão do fenômeno esportivo em geral e do futebol em especial se encontre numa fase embrionária, se considerada a influência que este segmento exerce na sociedade, já existe uma quantidade significativa de contribuições originárias da antropologia, sociologia e história, entre outras, a partir das quais se pode estabelecer um diálogo intenso e promissor. A partir desta constatação, adotarei neste capítulo um procedimento que contemple, por um lado, a perspectiva histórica e, por outro, que me permita dialogar com trabalhos especificamente voltados ao entendimento do fenômeno esportivo.

Sendo assim retomarei, ainda que resumidamente, as contribuições fundantes de Elias & Dunning (1992), acerca da sociogênese do fenômeno esportivo; de Hobsbawm (1984), sobre a invenção das tradições e a emergência do associacionismo; e de Bourdieu (1983), tratando da emergência e consolidação do *habitus esportivo*. Todos eles dedicam atenção especial à conjuntura política e social britânica que propiciou, a partir da segunda metade do século passado, a emergência dos esportes modernos na forma como chegaram até nossos dias. Esta retomada é fundamental para se entender a difusão em massa do futebol, a forma de sociabilidade a ele vinculada, bem como dos códigos, valores e atitudes atualizados por praticantes e fruidores.

1.1. A restrição à violência e a emergência dos esportes modernos

No que se refere à transformação dos antigos jogos populares em esportes modernos, a Grã-Bretanha da segunda metade do século XIX desempenhou um papel

fundamental. A conjuntura social, política e econômica que corresponde ao referido período histórico influenciou decisivamente no surgimento de um *habitus* esportivo tributário de mudanças mais amplas na sociedade e, simultaneamente, diverso dos jogos praticados na antigüidade.

Para Elias - só ou em parceria com Dunning, seu orientando e colaborador - a emergência dos esportes modernos caracteriza-se por um processo lento e gradual; um caso particular no âmbito do *processo civilizador* (cf. Elias, 1994). Esta tese, presente em vários momentos de “A busca da excitação” (1992), pode ser encontrada também em “O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos”; um dos artigos que compõe a referida coletânea. Voltando-se para o caso específico do futebol, Elias e Dunning (1992a) compilaram uma série de proibições - 23 no total - publicadas em nome dos reis britânicos entre 1314 e 1615. A primeira delas é tão importante para a compreensão das rupturas em relação ao *habitus* esportivo desencadeadas no século XIX; que convém reproduzi-la.

Manifesto para a Preservação da Paz... Atendendo a que o nosso Senhor o Rei [Eduardo II] se dirige às regiões da Escócia, na sua guerra contra os inimigos e nos ordenou em especial que mantivéssemos estritamente a paz... E atendendo a que existe **grande tumulto na cidade** por motivo de certas desordens que ocorrem em grandes jogos de futebol realizados nos **espaços do domínio público**, dos quais muitos males podem eventualmente surgir - Deus nos defenda - ordenamos e proibimos, em nome do Rei, sob pena de prisão, que tal jogo daqui em diante seja praticado dentro da cidade (:258). [grifos meus]

Embora não se tenha subsídios para precisar, ao certo, a que tipo de futebol - como era jogado, quais as regras utilizadas, duração dos embates, etc - essa e outras tantas retaliações se referiam, fica evidente a preocupação do Rei para com os distúrbios que tal jogo provocava na cidade, especialmente no domínio público. Por um lado, a série de proibições revela, segundo Elias e Dunning, a ineficácia das mesmas e, por extensão, do Estado medieval na aplicação das leis, principalmente quando comparado ao Estado moderno. De outro, além da insubordinação por parte das autoridades locais, responsáveis para levar a cabo as normas ditadas na corte, pode-se aferir o consentimento generalizado da população em relação a determinados níveis de violência, inadmissíveis nos dias de hoje e condenados pela corte já naquela época.

É importante destacar que o futebol e outros jogos medievais e renascentistas, bem como as perturbações decorrentes, ocorriam em circunstâncias muito peculiares.

Além de constituírem parte importante dos rituais tradicionais,⁴ especialmente por ocasião dos feriados religiosos, tais jogos propiciavam o enfrentamento de grupos locais que aguardavam, ansiosos, a realização destes eventos para solucionarem suas querelas. Pelo fato de não possuírem regras universais preestabelecidas e tampouco sanções previstas aos transgressores, era comum a erupção de violência quando uma das partes se julgasse prejudicada na disputa. Em muitos casos, a violência extra-jogo era premeditada, como ocorreu no ano de 1579 quando um grupo de estudantes de Cambridge se dirigiu a Chesterton para jogar futebol, como era costume acontecer na Terça-Feira Gorda. Os habitantes locais, atentos às possíveis desavenças, prepararam uma grande quantidade de bastões, escondidos no pórtico da igreja, e não tiveram escrúpulos em desferi-los nos estudantes de Cambridge tão logo irromperam os primeiros desentendimentos. “Alguns estudantes pediram ao chefe da Polícia para que mantivesse a ‘paz da Rainha’, mas ele estava entre os que jogavam (...) e acusou os estudantes de terem sido os primeiros a quebrar a paz” (Elias e Dunning, 1992a:267).

Se observados alguns episódios recentes envolvendo as Torcidas Organizadas de futebol, não apenas no Brasil, mas no mundo todo, o futebol na Idade Média e no Renascimento não chega a causar tanto estranhamento. A diferença, ainda segundo Elias e Dunning (1992), é que transgressões desta natureza são, no presente, tomadas como “comportamento desviante”, uma noção que não deve ser usada para o entendimento da violência desencadeada em outras épocas.⁵

⁴ Na verdade, Elias e Dunning não fornecem maiores detalhes acerca destes rituais, supondo, talvez, uma certa indistinção entre o caráter “oficial” de uns - ligados à Igreja e ao Estado - e “não-oficial” de outros - populares. Já em Bakhtin, esta distinção é nítida e tem profundas implicações, pelo menos para sua interpretação da obra de Rabelais e da cultura popular na Idade Média e no Renascimento. Segundo este autor, os “rituais profanos” estavam simultaneamente muito próximos e muito distantes dos “sagrados”. Disputavam o mesmo espaço, eram igualmente importantes para seus partícipes, mas diferiam substancialmente quanto a sua natureza. Enquanto os “sagrados” pressupunham a estabilidade das hierarquias e normas sociais, os “profanos” se caracterizavam pela oposição às normas e práticas instituídas de cima para baixo. Calcados na jocosidade, no riso, na paródia e na ludicidade, adquiriam sua plenitude no carnaval. “Nessa circunstância a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, a qual penetrava temporariamente o reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância (Bakhtin, 1993:8).

⁵ A explicação da violência no esporte enquanto “comportamento desviante” deve ser rechaçada não apenas em relação ao “antigo regime”, como sugerem Elias e Dunning (1992a:274-6) mas também no presente. Admitindo o aumento considerável da violência no futebol, que põe à baila a tese do “comportamento desviante” - o desviante passa a ser o torcedor não-violento - e questiona, inclusive, a teoria elisiana que advoga a conversão progressiva da violência física em violência simbólica, Dunning (1992a) se esforça para incorporar esta violência no *processo civilizador*. Uma explicação mais convincente acerca do fenômeno da violência no esporte requer a superação da tese do “comportamento desviante” em detrimento da contextualização desta violência e o próprio Dunning encarregar-se-á do caso específico dos *hooligans* ingleses (Dunning e Murphy e Waddington, 1992). Para uma abordagem antropológica sobre o tema sugiro a leitura de “Hooligans brasileiros?” (Toledo, 1996a: 121-34).

[Na idade Média e no início dos tempos modernos], o futebol e outros encontros semelhantes não eram apenas rixas acidentais. Eles constituíam um tipo de atividade de lazer equilibrador, profundamente entrelaçado na urdidura e trama da sociedade. Pode parecer-nos incongruente que, ano após ano, nos dias santos e feriados, as pessoas se empenhassem nesta espécie de luta. Num estágio diferente do processo de civilização, os nossos antepassados viveram-na, evidentemente, como um acontecimento óbvio e agradável (:263).

No contexto de “A busca da excitação”, o futebol continua sendo uma atividade circunscrita ao espectro do lazer e do tempo-livre, o que parece não diferenciá-lo, sob este aspecto, dos antigos jogos; embora lazer e tempo-livre sejam duas categorias dificilmente aplicáveis à antiguidade. Numa perspectiva um tanto funcionalista - sem que por este motivo deva ser aqui descartada -, o futebol e outros esportes desempenham um papel equilibrador das tensões psicossociais e, portanto, encontram-se fortemente entrelaçados às demais esferas da sociedade.

Em sociedades como as nossas, que exigem uma disciplina emocional global e circunspeção, a série de sentimentos agradáveis fortes manifestamente expressos é severamente vedada. Para muitas pessoas não é apenas na sua vida profissional, mas também nas suas vidas privadas, que um dia é igual ao outro. Para muitas delas nunca acontece nada de interessante, nada de novo. A sua tensão, o seu tônus, a sua vitalidade, ou o que quer que seja que lhe possa chamar, é, antes do mais, baixo. De uma maneira simples ou complexa, a um nível baixo ou a nível elevado, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. O caráter essencial do seu efeito catártico é a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira da excitação agradável (Elias e Dunning, 1992b:137-8).

Embora permeadas pelo que Souza (1996) caracterizou como “evolucionismo romântico” e, em menor grau, por um funcionalismo típico da Escola Britânica, cuja ênfase na estrutura e função se fazem presentes em diversos momentos da análise do esporte moderno, inclusive na reprodução acima, as idéias de Elias e Dunning incidem sobre aspectos cruciais deste fenômeno. O principal deles, talvez, está no reconhecimento da cisão temporal promovida por tais eventos, capazes, em menor ou maior grau e dependendo de fatores de ordem cultural, de despertar excitações agradáveis. Resgatando da tragédia grega a noção do termo “mimético” - tensão e excitação produzidas em condições simuladas que imitam a vida real -, tão essencial a

sua definição de lazer quanto o viés aristotélico do termo “catarse” - liberação de energias com efeito curativo -, Elias e Dunning (1992b:112-26) atribuem ao evento esportivo uma conotação ritualística caracterizada pela ruptura entre o real e o imaginário, o cotidiano e o extraordinário, a monotonia e a excitação, razão e emoção e assim por diante. Para eles, o esporte preserva muitas características do jogo, especialmente aquelas de natureza estrutural, como é o caso das dicotomias referidas acima. O que mudou, fundamentalmente, foi o *habitus social* que converteu, através do *processo civilizador*, a violência física em violência simbólica. Este processo, caracterizado por mudanças estruturais de longo curso, tanto social quanto em relação às estruturas de personalidade, culminou com a “transformação da coerção externa em autocoerção e autocontrole” (Leite Lopes, 1995:143).⁶

Estas transformações, que redefiniram normas específicas de sensibilidades e comportamentos, são paralelas à formação do Estado e, portanto, forjadas com o objetivo último de manter certas distinções entre, de um lado, a nobreza e a aristocracia e, de outro, a burguesia emergente. Através do autocontrole e da autocoerção, as classes altas obtiveram um ganho secundário à medida que se viram livres dos constrangimentos desencadeados quando as nações-Estado assumiram o monopólio da violência legítima e passaram a exercê-lo de forma rigorosa e sistemática.

Para demonstrar a pertinência do *processo civilizador* na explicação das transformações ocorridas no âmbito dos antigos jogos, Elias (1992a) recorre a vários exemplos empíricos. No mais interessante deles, a exegese da “caça à raposa”, Elias questiona as razões pelas quais uma atividade tão antiga quanto a caça se tornou o passatempo preferido das elites já no final do século XVIII e início do século XIX. Ou por outra, qual o significado da participação das elites numa atividade envolvendo perseguição e morte - da raposa, evidentemente - se, de acordo com suas próprias premissas, o aumento da sensibilidade e a aversão à violência já haviam se tornado um valor para as classes altas? E, acima de tudo, como poderiam dar à caça à raposa o *status* de um passatempo agradável, de um esporte excitante?

⁶ Tanto em Elias como em outros teóricos que tomam de empréstimo algumas das suas teses, como é o caso de Chartier (1990), o monopólio da violência legítima exercido pelo Estado moderno é um dos mecanismos que o diferenciam do feudalismo. Esta prerrogativa é tão importante quanto o monopólio fiscal que “centraliza o imposto e dá ao soberano a possibilidade de retribuir em dinheiro, e já não mais em terras, aos seus fiéis e servidores”. Em contrapartida, o rei preserva e expande seu poderio através do controle da força militar, garantindo a pacificação da sociedade e, por extensão, assegurando seu poder de mando. Cf. “Construção do estado moderno e formas culturais. Perspectivas e questões” (Chartier, 1990).

As respostas descartam, desde logo, qualquer abordagem de fundo psicológico objetivando retratar o sadismo das elites ou o prazer de matar. Elias rejeita também as explicações de natureza utilitaristas, pois esses caçadores não estavam preocupados com o suprimento de suas necessidades biológicas, embora apreciassem as raposas como um requintado “prato de entrada”. Aliás, é justamente esta desconsideração pelo animal abatido que, segundo Elias, diferenciava a caça à raposa de uma caçada usual. Ela tinha um fim em si mesma, no prazer proporcionado ao longo de sua duração - quanto mais a raposa oferecia resistência mais excitante era o empreendimento - sem preocupação com o êxito final da caçada: a morte da raposa era um componente importante mas apenas do ponto de vista simbólico.

Uma segunda diferença entre a caçada usual e a caça à raposa está nas convenções que a caçada, enquanto esporte, impunha a seus praticantes. Os cães eram treinados para perseguir somente raposas e, de preferência, a primeira que tivessem farejado. Outros animais sustados, como lebres e veados, eram simplesmente descartados; não faziam parte do protocolo. Resumindo, a caçada pressupunha o cumprimento de tarefas bem claras e objetivas estabelecidas de antemão. O bom caçador, além de cumpri-las rigorosamente, poderia se considerar mais ou menos exitoso na medida em que se voltasse única e exclusivamente ao objetivo proposto.

Um terceiro elemento, talvez o mais importante de todos, é que ao cavalheiro era vetado o uso de armas de fogo. A ele cabia o papel de guiar seus cães através de códigos altamente elaborados e, uma vez encurralada, a raposa deveria ser morta pelos cães. Tratava-se pois, de uma espécie de “morte por procuração”.

Face a todos os outros fins da caça, a tensão da própria batalha simulada e o prazer que proporcionava aos participantes humanos tinham atingido um elevado grau de autonomia. Matar raposas era fácil. Todas as regras da caça foram inventadas para a tornar menos fácil, a fim de prolongar a prova, para adiar a vitória por algum tempo (...). Era o *ethos* de classes de lazer abastadas, sofisticadas e comparativamente restritas, que tinham transformado em valor a tensão e a excitação dos confrontos simulados, entretanto regulamentados para se constituírem como parte principal do seu prazer. As regras da caça à raposa, designadas e observadas por cavalheiros e rigorosamente impostas contra os transgressores, garantiam que a caça lhes daria o essencial do bom “desporto”, uma quantidade suficiente de agradável tensão e excitação de combate (Elias, 1992a:245-7).

Ao mesmo tempo que demonstra as mudanças operadas pelas elites no interior dos antigos jogos, especialmente em relação ao prazer proporcionado pelo cumprimento

das regras, Elias investiga a contrapartida deste processo, ou seja, como os esportes modernos contribuíram para forjar um novo *habitus social*. Segundo ele, as elites reinventaram determinados jogos e não apenas os escolheram porque eram compatíveis com seu *ethos*. Trata-se, na verdade, de um caminho de mão dupla no qual a parlamentarização das classes altas desempenhou um importante papel. A restrição à violência na arena política, condição necessária para que os debates verbais tivessem êxito, pressupunha o respeito a certas normas que, por sua vez, exigiam um acentuado autocontrole. E, levando-se em consideração o fato de que as pessoas que contribuíram para a parlamentarização inglesa pertenciam às classes altas, tal qual os praticantes de esportes como a caça à raposa, a relação parece evidente, embora indireta.

De fato, os confrontos parlamentares não eram inteiramente desprovidos das características de um desporto; nem estas disputas parlamentares, em grande medida verbais e não violentas, eram desprovidas de oportunidades para a tensão-excitação agradável. Por outras palavras, existiam afinidades óbvias entre o desenvolvimento e a estrutura de regime político de Inglaterra no século XVIII e a desportivização, no mesmo período, dos passatempos das classes inglesas elevadas (Elias, 1992a:254).⁷

O respeito à réplica, fundamental nos enfrentamentos verbais, é análogo ao direito que se dá à raposa de ludibriar seus caçadores. É isto que se espera dela e, se tal expectativa tiver grandes possibilidades de ser frustrada, então, há de se incrementar a disputa - introduzir restrições; regrá-la, melhor dizendo - para torná-la menos desigual e, conseqüentemente, mais agradável. Se observados certos dispositivos empregados no parlamento, como a eloquência e a retórica discursiva, se verá quanto eles têm em comum com certas práticas esportivas. Embora muitas vezes o uso do corpo, mais intenso nos esportes que no direito, na política ou na academia, tenha ofuscado a compreensão dos aspectos simbólicos dos embates - me refiro àqueles que reduzem esta prática à simples "catarse" -, o certo é que estes envolvem noções abstratas que mobilizam o intelecto. O prazer e a excitação encontrados pela elite em determinados esportes é, portanto, proporcional à racionalidade e à competitividade por eles suscitados. Em poucas palavras, quanto mais regrados, complexos e dispendiosos do ponto de vista do intelecto, mais agradáveis eles eram e, ao que parece, continuam sendo.⁸

⁷ Sobre parlamentarização e desportivização cf. tb. Leite Lopes (1995:144-8).

⁸ A este respeito é interessante acompanhar a descrição de Elias acerca do divertimento dos cavalheiros ingleses diante da incompreensão dos estrangeiros, especialmente de seus pares franceses, para com o êxtase da caça à raposa: eles achavam muita graça do fato dos franceses estranharem o divertimento

Na inculcação de um *habitus* social disciplinado e avesso à agressividade face a face, a instituição escolar desempenhou um papel tão fundamental para a burguesia emergente quanto a corte para a nobreza. A partir da exegese de gravuras e pinturas dos séculos XVI e XVII, de variados manuscritos sobre atividades lúdicas em geral e, principalmente, do diário do médico Heroard, tutor de Luís XIII, Philippe Ariès (1981) demonstra como os jogos de azar, a dança, a música, e outras representações dramáticas “reuniam toda a coletividade e misturavam as idades tanto dos atores como dos espectadores” (:104).

A atitude moral tradicional com relação aos jogos, brincadeiras e divertimentos ocupavam um lugar importante nas sociedades antigas. De um lado, os jogos eram admitidos sem reservas nem discriminação pela grande maioria. Por outro lado, e ao mesmo tempo, uma minoria poderosa e culta de moralistas rigorosos os condenava quase todos de forma igualmente absoluta, e denunciava sua imoralidade, sem admitir praticamente nenhuma exceção. A indiferença moral da maioria e a intolerância de uma elite educadora coexistiram durante muito tempo. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, porém, estabeleceu-se um compromisso que anunciava a atitude moderna com relação aos jogos, fundamentalmente diferente da atitude antiga (:104).

Os moralistas não abominavam o jogo propriamente dito, mas a paixão exacerbada, o vício e as apostas decorrentes desta prática. Como a simples condenação dos jogos não obtinha a eficácia desejada, não havia outra saída aos moralistas senão substituir a intolerância por uma atitude mais branda. Substituíram, então, a aversão pela incorporação dos jogos nas instituições escolares tuteladas pelo clero, dando-lhes uma conotação diversa daquela vigente na sociabilidade “mundana”.

Os humanistas do Renascimento, em sua reação antiescolástica, já haviam percebido as possibilidades educativas dos jogos. Mas foram os colégios jesuítas que impuseram pouco a pouco às pessoas de bem e amantes da ordem uma opinião menos radical com relação aos jogos. Os padres compreenderam desde o início que não era nem possível nem desejável suprimi-los (...). Ao contrário, propuseram-se a assimilá-los e a introduzi-los oficialmente em seus programas e regulamentos, com a condição de que pudessem escolhê-los, regulamentá-los e controlá-los. Assim disciplinados, os divertimentos

que a caçada lhes proporcionava. Era a prova definitiva de que somente eles eram capazes de assimilar a sutileza das convenções e torná-las apazíveis (Elias, 1992a:237-9). Entretanto, isto não significa que o respeito às regras e o prazer mimético - na caça à raposa, em última instância, quem joga é a raposa e os cães, enquanto o cavalheiro trata de fazer com que as regras do jogo sejam levadas a bom termo - seja uma característica única e exclusivamente das elites inglesas. Geertz demonstra como a briga de galos em Bali também possui códigos de condutas altamente elaborados, aplicados tanto aos galos quanto a seus donos (1989:278-321). O “eurocentrismo” de Elias e o exclusivismo das elites devem ser então relativizados, o que não diminui, em hipótese alguma, o papel desempenhado por estas classes na desportivização, especialmente dos jogos originários do “velho mundo”.

reconhecidos como bons foram admitidos e recomendados, e considerados a partir de então como meios de educação tão estimáveis quanto os estudos (Ariès, 1981:112).

A partir da mudança de atitude por parte dos jesuítas e, numa perspectiva mais ampla, com a tolerância dos moralistas em geral, os jogos passaram a ser encarados enquanto um método educativo, de controle e canalização das emoções, algo muito diverso de quando faziam parte dos rituais, fossem estes sagrados ou profanos.

À medida que estas transformações ocorrem ao longo do século XVII, simultaneamente à conversão da violência física em violência simbólica, é possível comparar, em linhas gerais, os trabalhos de Ariès e Elias. Embora não façam referências explícitas um ao outro, e considerando-se que a análise de Ariès está centrada na França ao passo que Elias prioriza, neste particular, o contexto inglês, está claro, em ambos, que os jogos vão, progressivamente, adquirindo um novo estatuto em termos de significado e função à medida que são deslocados da esfera pública e popular para o interior das instituições oficiais e elitistas.⁹

Tão ou mais importante que as instituições tuteladas pelos jesuítas, no caso francês descrito por Ariès, é o papel reservado às *Public Schools* inglesas. É no interior destas “instituições totais”, como afirmam Bourdieu (1983:146) e Leite Lopes (1995:149) tendo Goffman por referência, que os jogos adquirem os contornos da modernidade. Estas escolas, reservadas às elites burguesas e aristocráticas

tomaram alguns **jogos populares**, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e função muito parecida àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares (...) A escola, lugar da **skhole**, do lazer, é o lugar onde as práticas dotadas de funções sociais e integradas no calendário coletivo, são convertidas em **exercícios corporais**, atividades que constituem fins em si mesmas, espécie de arte pela arte corporal, submetidas a regras específicas, cada vez mais irredutíveis a qualquer necessidade funcional, e inseridas num calendário específico. A escola é o lugar por excelência do exercício chamado gratuito e onde se adquire uma disposição distante e neutralizante em relação ao mundo social, a mesma que está implícita na relação burguesa com a arte, a linguagem e o corpo (...) (Bourdieu, 1983:139).

⁹ A questão da violência, tão importante em Elias, parece ausente nas fontes e no enfoque de Ariès. A preocupação deste último está centrada nos aspectos “morais”, onde, segundo meu ponto de vista, a violência “potencial” - enquanto uma possibilidade latente - poderia ser enquadrada. Ainda sobre a conversão dos antigos jogos em esportes modernos, especialmente em relação ao valor atribuído a estes últimos na atualidade, Elias e Ariès divergem radicalmente. Enquanto o primeiro vê esta transformação como benéfica, principalmente pela função desempenhada pelos esportes no contexto mais amplo das sociedades complexas, o segundo não hesita em afirmar que “foi sob formas modernas e irreconhecíveis que os jogos foram adotados pela burguesia e pelo ‘esporte’ do século XIX” (Ariès:124).

A análise de Bourdieu, de acordo com a “lógica da distinção”, resgata apropriadamente a contribuição das *Public Schools* no estabelecimento de um caráter “desinteressado” e “gratuito” em relação aos jogos. É a partir desta “atitude distanciada em relação ao papel”, promotora da cisão entre o ator social e o ator esportivo, que tem origem a noção de **fair-play**; “maneira de jogar o jogo dos que não se deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que ele é um jogo” (:139).

Contudo, é preciso ir além destas incursões mais genéricas, evidenciando as transformações terra a terra produzidas pelo ethos dominante no interior das práticas esportivas. Dizendo de outro modo, os lucros da distinção deixam a descoberto as mudanças operadas no âmbito de cada modalidade esportiva em particular; um esforço considerável ainda que não necessariamente premeditado, a partir do qual muitos esportes foram reinventados, como por exemplo o futebol, e outros simplesmente inventados, como é o caso do vôlei e do basquete. A investida do ethos das classes dominantes, seja no interior das *Public Schools*, seja num momento posterior, quando seus ex-alunos se empenham na disseminação dos esportes através da fundação de clubes e ligas, é de extrema importância e será tratada a seguir.

1.2. O surgimento do associacionismo e a difusão dos esportes modernos

A invenção dos esportes modernos pode ser considerada uma “dupla institucionalização” dos antigos jogos populares. A primeira, marcada pela convergência destes para as cortes e instituições escolares, especialmente para as *Public Schools*, foi lenta, gradativa e produziu mudanças não apenas em termos de significado e função mas também na forma como tais jogos passaram a ser praticados: em geral, menos violentos, mais disciplinados, regrados e, por isso mesmo, distintos entre si. Nesta primeira “institucionalização” os jogos assumiram, portanto, as conotações da corte ou das escolas frequentadas pela nobreza e alta burguesia. A segunda “institucionalização”, caracterizada pela difusão dos esportes desde o contexto das instituições de elite para clubes, associações e ligas independentes foi extremamente rápida e de acordo com as mudanças no seio mais amplo da sociedade inglesa da segunda metade do século passado. Forjou-se, como se verá a seguir, a institucionalização de códigos, valores e atitudes em nome dos quais as disputas foram

incrementadas de forma que os esportes se tornaram uma arena privilegiada para resolução parcial de conflitos sociais, especialmente aqueles de natureza coletiva.

De acordo com Hobsbawm (1984), a difusão dos esportes e principalmente dos clubes, instituições que lhe deram suporte, deve ser compreendida como corolário das profundas transformações decorrentes da industrialização, entre as quais se destacam o acelerado processo de urbanização, a facilitação do acesso à escola para uma extensa parcela da classe média - incluindo os setores mais baixos - e a conseqüente ascensão econômica e social de seus membros e, por fim, a emergência do proletariado enquanto classe. Nesse contexto, os antigos critérios para demarcar fronteiras de classe, *status* e pertencimento grupal tornaram-se ineficazes.

Era um problema que abrangia dois aspectos. Em primeiro lugar, como definir e separar a elite nacional autêntica de uma classe média alta (*haute bourgeoisie*), uma vez que os critérios relativamente fixos pelos quais se podia determinar a qualidade subjetiva de membro de classe nas comunidades locais estáveis haviam sido desgastados, e a descendência, parentesco, casamentos, as redes locais de negócios, a sociabilidade particular e a política já não representavam critérios seguros. O segundo aspecto era como estabelecer uma identidade e uma presença para a massa relativamente ampla daqueles que não pertenciam a esta elite, nem às “massas” (...) (Hobsbawm, 1984:299).

Com o incremento do número de praticantes, os esportes como um fim em si mesmos e, por esta razão, privilégio das elites, deixaram de cumprir um de seus papéis fundamentais, a distinção, para desempenhar outro, ainda mais importante: a identificação coletiva de pessoas de *status* equiparado. O próprio Hobsbawm demonstra a existência de uma correlação entre a expansão das universidades - pelo aumento das matrículas e de fundações - e o surgimento das associações de ex-alunos, também conhecidas como grêmios, cujo objetivo último era a formação de redes de sociabilidade, “círculos de homens cultos que de outra maneira não se conheceriam”(304).

Conquanto estas associações de ex-alunos - que influenciaram e financiaram a emergência dos grêmios estudantis - se proliferaram em quase todos os países industrializados, na Grã-Bretanha elas contribuíram decisivamente na organização das primeiras ligas esportivas - associações de clubes. Se os grêmios em geral propiciavam a sociabilidade de pessoas afins, aqueles particularmente voltados à arena esportiva possibilitavam também o confronto destas pessoas e grupos que se faziam representar por intermédio de equipes, times, grêmios, clubes e assim por diante. As ligas,

responsáveis pela elaboração de um calendário bem ordenado e vigilantes em relação a quem devesse ou não participar destes enfrentamentos, criaram um sistema de disputas entre antagonistas considerados à altura em termos sociais e consolidaram padrões específicos de honradez, dentre eles o já mencionado *fair-play*.¹⁰

À medida que os esportes foram se disseminando, surgiram inúmeros conflitos, sendo as próprias ligas um corolário destes desacordos. O mais emblemático deles talvez seja o conflito entre amadores e profissionais, duas “grandes” tendências antagônicas cujas divergências são melhor visualizadas no desenvolvimento do futebol e do *rugby*. Ambas as modalidades cumpriram um estágio importante no interior da instituição escolar, período no qual receberam um tratamento análogo a outras práticas corporais mas, ao serem como que devolvidos à sociedade, seguiram caminhos notadamente opostos.

¹⁰ Não é por acaso, ainda segundo Hobsbawm, que os torneios esportivos entre Oxford e Cambridge, protótipos destas disputas, se desenvolveram a partir de 1870. Surpreendente, porém, é encontrar em Geertz (1973) uma descrição que aproxima, embora veladamente, muitos aspectos da briga de galos em Bali com as disputas entre os ilustres representantes das universidades inglesas e norte-americanas. Esta aproximação mereceria um tratamento que foge aos objetivos deste capítulo, especialmente no que se refere ao entendimento do próprio Geertz sobre descrição densa. Entretanto, quero destacar pelo menos dois momentos nos quais a descrição geertziana converge para o contexto que deu origem aos esportes modernos sem contudo especificá-la. O primeiro diz respeito à questão do *status*. Geertz interpreta a “briga de galos” como um jogo de *status* entre os apostadores - como na caça à raposa, onde para deleite dos nobres quem duela, de fato, são os animais - e, em determinado momento, afirma que “o *status* de ninguém é alterado pelo resultado de uma briga (...); ele é apenas afirmado ou insultado, e assim mesmo momentaneamente” (:300). Ora, esta disputa por *status*, considerada por Geertz uma característica da briga de galos em Bali é, na verdade, um procedimento extensivo à toda prática esportiva que envolva a participação direta ou indireta do gênero masculino. A diferença é que uns duelam entre si, outros por meio de galos e outros ainda se fazem representar por outros homens e, diga-se de passagem, investem muito tempo, dinheiro e energias psíquicas nestas “brigas”. Em síntese, nem os balineses e tão pouco os estudantes de Cambridge e Oxford mudam de posição da escala social quando seu *status* é insultado numa rinha ou num campo de *rugby*, *cricket*, futebol ou seja lá o que for. O problema todo é que Geertz não se atenta para este “detalhe” e daí surgem várias questões: seria este um padrão universal das “disputas esportivas” - como sugeri a pouco -; uma herança do colonialismo inglês presente em Bali; ou Geertz teria descrito a briga de galos com um pé em Bali e outro na sua própria trajetória universitária omitindo, conscientemente ou não, este dado? O segundo momento em que me parece haver similitudes entre a “briga de galos” e os esportes modernos diz respeito ao padrão de honra surpreendentemente próximo num e noutro contexto. Este padrão indica como deve se comportar o “bom esportista” - como se deve ganhar e perder - e também em que tipo de embate ele deve apostar seu *status*. Tal qual os estudantes formados nas universidades inglesas, os balineses parecem ter muita clareza em relação a este aspecto. Assim sendo, tanto nas brigas de galos quanto nos esportes modernos - especialmente em sua fase de dispersão - as disputas são segmentadas evitando confrontar pessoas e grupos socialmente hierarquizados. Entretanto, há entre os balineses os “tolos que não compreendem o que é o esporte, elementos vulgares que não vêem o ponto principal” e, apostando o dinheiro que não têm, “conseguem penhorar suas terras (...)” (:301-2). O mesmo poder-se-ia afirmar dos “tolos” que não têm *fair-play*, incluindo entre aqueles que subvertem o *habitus* cavalheiresco - usam inúmeros subterfúgios, entre eles a violência -, outros que se deixam levar por apostas arriscadas - do ponto de vista “real” -; os que esquecem que o jogo é apenas um jogo. O surpreendente aqui é que o “bom esportista” - Geertz usa este termo na citação acima enquanto, via de regra, descreve a briga como um jogo e não como um esporte - seja definido, num e noutro contexto, pelos mesmos parâmetros; ou seja, pela capacidade de abstração, consciência e distanciamento em relação ao papel que diferencia o jogador do cidadão. Neste ponto deve-se retomar as questões sugeridos anteriormente e, quem sabe, num momento mais oportuno aprofundá-las.

Enquanto os dirigentes do *rugby* da união de Londres, defensores intransigentes do amadorismo, eram majoritariamente ex-alunos de *Public Schools* mais recentes e de estatuto social comparativamente mais baixo (como Rugby - daí o nome do esporte -, Marlboro e Cheltenham), os dirigentes da *Football Association* mais influentes provinham das escolas mais antigas e de prestígio mais elevado, como Eton e Harrow. Mais seguros de seu status elevado e não percebendo as classes trabalhadoras como uma ameaça, esses últimos puderam seguir uma política de abertura e autorizaram equipes de origem popular a participarem da *Football Cup*. Embora não apreciassem o profissionalismo, eles não pretendiam expulsar ou fazer desaparecer os seus atletas ou adeptos dos quadros do futebol: eles tinham confiança na sua capacidade de guiar o desenvolvimento simultâneo do jogo amador e do jogo profissional numa direção compatível com seus valores e interesses (Leite Lopes, 1995:150).

Enquanto as ligas amadoras preservavam intactos os valores aristocráticos do esporte, dentre eles a prática como um fim em si mesma e, por extensão, não remunerada; as ligas profissionais admitiam tanto atletas amadores quanto profissionais. Enquanto os amadores dispunham de tempo (e dinheiro) para custear seus treinamentos e viagens, os profissionais tinham de ser ressarcidos pelo tanto que deixavam de ganhar ao trocar o trabalho pelo esporte - daí o termo “profissional”. Em razão dessa orientação diferenciada, antagônica se pensada em termos do valor real e simbólico atribuído ao dinheiro, as ligas amadoras acabaram limitando drasticamente o número de clubes e praticantes. Em contrapartida, a tolerância em relação ao dinheiro ampliou rapidamente o número de clubes filiados às ligas profissionais, criando uma possibilidade concreta de ascensão econômica para atletas egressos do proletariado.

A separação do futebol e do *rugby* constitui um caso paradigmático do embate entre profissionais e amadores. Os oito anos que separaram a criação da *Football Association* - 1863 - e da *Rugby Football Union* - 1871 - foram decisivos também para o processo de popularização do futebol. Especialmente nas regiões industriais do Norte da Inglaterra, o futebol se disseminou rapidamente e isto se deve, em grande medida, ao pioneirismo com que este esporte aderiu ao profissionalismo em escala nacional. Paralelamente a adoção do profissionalismo, ocorreu a unificação das regras que viabilizaram as disputas para além dos circuitos locais - a proibição do uso das mãos no futebol ocorreu nesta época para diferenciá-lo, de uma vez por todas, do *rugby*.¹¹

¹¹ Na verdade, também no futebol ocorreram acirradas disputas em torno do profissionalismo, muito similares às do *rugby* e do *cricket* mas com desdobramentos diversos. Com o recrutamento de atletas oriundos das classes trabalhadoras, a elite dirigente do futebol migrou da prática para o gerenciamento da mesma ou, simplesmente, abandonou este esporte em detrimento de outros mais

Entre todos os desdobramentos do amadorismo *versus* profissionalismo, nenhum deles foi tão importante quanto a adesão em “massa” das classes trabalhadoras. Incorporadas pelo profissionalismo, elas contribuíram para elevar o nível técnico das competições, dispondo seus melhores quadros para os clubes administrados pela elite e, principalmente, criando um público extenso, diversificado e absorto nos campeonatos que passaram a ser disputados regularmente. A integração deste público serviu também para recompor vários componentes do *habitus* suprimido durante o estágio dos antigos jogos nas instituições burguesas e aristocráticas. Depois servirem como passatempo desinteressado das elites, os esportes - nem todos é verdade - readquiriram parte¹² da conotação pública e coletiva dos antigos jogos populares. Integrados num sistema ordenado de disputas, já não mais restrito às posições de classe mas extensivo aos conflitos regionais, nacionais, étnicos e religiosos, os esportes seduziram uma legião de praticantes e seguidores que acorreram ao meio urbano a partir da industrialização.

Nas metrópoles assim surgidas, ninguém tinha raízes ou tradições, todos vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo. Na busca de novos traços de identidade e solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.

(...) Cada uma das grandes cidades industriais inglesas se veria dividida nesse período [durante a década de 1880] em duas imensas comunidades rivais, arrastadas ao mais apaixonado estado de loucura, quando os times que as representavam se viam frente a frente nos limites do gramado e dos noventa minutos. Era uma comoção, um redemoinho, um cataclisma de nervos arrebatados e corações explodidos, não raro com algumas cabeças quebradas e olhos arroxeados. Era assim que se enfrentavam, por exemplo, o Manchester United e o Manchester City; o Nottingham Forest e o Nottingham Country; o Glasgow Celtics e o Glasgow Rangers; ou em Londres, qualquer partida em que se confrontassem os arquirrivais Arsenal, Chelsea e Crystal Palace (Sevcenko, 1994:35).

compatíveis com seu *ethos*. Embora o *rugby* tenha se favorecido com abertura futebolística e, especialmente no Norte, adotado a mesma política, ele se tornou refém das disputas entre os defensores do amadorismo e do profissionalismo, o que impediu a unificação das disputas. Tanto é verdade que, ainda hoje, o *rugby* da União de Londres é praticado com 15 atletas e o da Liga de Leeds com 13. Já o *cricket*, marca distintiva, por excelência, do *British way of life* resolveu as querelas entre amadores e profissionais através de dispositivos simbólicos capazes de preservar as distinções entre seus praticante. Cf. “La separation des deux Rugby” (Dunning e Sheard, 1992) e Leite Lopes, 1995:152-4).

¹² Digo “parte” pois, em se tratando do esporte moderno institucionalizado, existe uma cisão entre praticantes e espectadores que os antigos jogos desconheciam.

Enquanto os clubes filiados ao amadorismo preservaram, em grande medida, as características de “instituições totais”, uma versão das *Public Schools* voltadas ao entretenimento e à sociabilidade entre grupos e pessoas de *status* equiparado, os clubes adeptos do profissionalismo se transformaram em instituições capazes de congregar um extenso contingente de aficcionados, simultaneamente coesos e rivais entre si.

O que se passou com os esportes coletivos, em especial com o futebol, foi uma espécie de reelaboração da “caça à raposa”. Ao contrário dos clubes amadores onde a prática permaneceu extremamente valorizada, enquanto entretenimento pessoal ou confronto grupal sem a mediação de terceiros, o profissionalismo reelaborou a “morte por procuração”. Ou seja, um contingente reduzido de atletas, formando times ou equipes que passaram a rivalizar entre si não apenas para a satisfação de si mesmos mas para o deleite da comunidade a qual representavam: tanto as classes proletárias quanto a elite patronal que pagavam seus salários e administravam os clubes e as ligas.

1.3. A democratização do futebol e as classes trabalhadoras

Se a polarização entre amadores e profissionais pode, por um lado, ser tributada às disputas entre uma burguesia emergente e outra mais antiga, de *status* consolidado, por outro, deve-se reconhecer sua importância no processo de democratização do esporte. Os desdobramentos dessas disputas permitiram às classes trabalhadoras o acesso a um bem cultural que lhes havia sido cerceado sob a alegação de que era violento, imoral, desordeiro e assim por diante.

Para que não haja mal entendido, é preciso especificar, ainda que brevemente, o que se entende por democratização; uma noção extremamente complexa e que no âmbito dos trabalhos acadêmicos sobre o esporte é muitas vezes substituída pelo termo popularização. O conceito de “democratização funcional”, forjado por Elias e apropriado por outros estudiosos do fenômeno esportivo, é uma elaboração teórica que procura dar conta do processo de igualização ocorrido concomitante à consolidação do Estado e do aumento progressivo das cadeias de interdependência entre pessoas e grupos. A tese de Elias (1992b), avessa à formulação durkheimniana de “solidariedade orgânica”, afirma que a igualização no equilíbrio do poder e a interdependência geram conflitos e antagonismos no interior de grupos ou entre estes. Tais conflitos e antagonismos podem ou não declinar numa luta de classes. A tendência porém, e isto é de extrema importância em relação ao esporte, é que muitos desses impasses se dêem

em torno de questões envolvendo identidade e prestígio social, sendo resolvidos através do próprio esporte.

A “democratização funcional” é extremamente útil para se compreender o processo de popularização dos esportes ou, se preferir, os desdobramentos representados pelo acesso das classes trabalhadoras à prática e fruição de um bem cultural antes circunscrito às elites. Por perceberem as classes trabalhadoras - seus atletas, clubes e “torcedores” - enquanto uma ameaça, não restou outra alternativa às elites senão transformarem a prática do amadorismo numa ideologia e se refugiarem nos clubes e ligas que lhes deram suporte. Já os que optaram, num primeiro momento, pelo profissionalismo, acabaram, cedo ou tarde, migrando para a esfera administrativa das ligas e clubes. Assim, puderam se perpetuar enquanto um grupo restrito e com influência política, chamando para si a responsabilidade de planejar, expandir, reger, enfim, “pensar” os esportes modernos. Portanto, com a “democratização funcional”, a elite que optou pelo profissionalismo assumiu os postos diretivos monopolizando o gerenciamento de uma prática que contribuíram para inventar mas que, progressivamente, estava lhes fugindo ao controle.

A “democratização funcional” do futebol pode ser vista como uma transformação de cima para baixo, atribuindo-se às elites o papel principal neste processo. Nesta versão, contudo, o futebol poderia ser interpretado como um engodo forjado pelas classes dominantes e repassado ao proletariado com o fim último de entretê-lo, domesticá-lo e desviá-lo dos “reais” problemas sociais. Assim sendo, a “mão invisível” - talvez nem tão invisível assim - do *establishment*, teria, como contrapartida, a subserviência dos grupos com menor poder econômico e prestígio social. Nem uma coisa nem outra; o futebol não foi inventado pelas classes altas com fins espúrios, se é que se pode pensar em termos de finalidade, e tampouco foi assimilado passivamente pela “massa”. Pelo contrário, a presença das classes trabalhadoras deu novos contornos ao fenômeno esportivo, especialmente ao futebol.

Além do incremento técnico, o futebol foi adquirindo certos códigos, valores e atitudes que até então lhe eram alheios. A interdição das mãos, por exemplo, embora tendo sido efetivada pela elite dirigente, contribuiu decisivamente para aproximar o futebol do gosto popular. Num primeiro momento, a interdição das mãos - exceto para o goleiro e, para os demais jogadores, apenas nas reposições laterais - parece ser apenas uma diferença de ordem prática. Porém, segundo Souza (1996), a proeminência dos pés

(...) ajuda a explicar a popularidade do futebol no mundo (é o esporte mais praticado e difundido), pois ele é um dos únicos esportes onde os pés e as pernas possuem a chance de se exercitarem e treinarem, possibilitando e exigindo habilidade e destreza de membros que, ordinariamente, apenas possibilitam o andar ereto. Existe no e com o futebol uma inversão dos valores que regem a construção do corpo. No nível da temporalidade espacial do futebol, os valores imputados às partes do corpo são inversos aos da temporalidade cotidiana. O futebol, portanto, engendra imprecisão e imprevisibilidade, pois liberta membros que são alvo de um rígido controle cultural hierarquicamente submetidos e “inferiores” (Souza, 1996:34-5).

Por dispensar o uso das mãos, sobre as quais recai um extenso processo de ensino-aprendizagem - em linhas gerais, os membros superiores estariam mais próximos da cultura ao passo que os membros inferiores ficariam a mercê da natureza -, o futebol é tido como o menos previsível dos esportes e, por esta razão, permeado por noções como aleatoriedade, sorte, destino, e assim por diante.¹³ Além de opor natureza e cultura, a proeminência dos pés implica uma série de representações ligadas à idéia de valor atribuídas aos hemisférios superior e inferior. Sendo esta idéia socialmente elaborada e tendenciosamente favorável à valorização do alto em detrimento do baixo, o futebol estaria situado na contramão da civilização, ou se preferir, num patamar menos nobre da cultura ocidental. Se já não bastasse ser este um esporte coletivo, com enfrentamento corpo a corpo, o futebol está, como se vê, associado também ao hemisfério inferior e, conseqüentemente, a uma gama extensa de entidades e símbolos “indesejados” (cf. tb. Hertz, 1980).

Sendo assim, é correto afirmar, em relação ao futebol, que as camadas altas, presumivelmente mais sensíveis à moral higiênica - física e mental - tinham motivos suficientes para abandonar este esporte em detrimento de outros mais “chiques” ou, como de fato ocorreu, passar da prática à administração, de onde poderiam “matar por procuração”. A migração, interna ou para fora, de uma prática que elas reinventaram e,

¹³ Enquanto uma característica universal do futebol, esta tese pode ser tomada como verdadeira. É mais freqüente no futebol do que em outros esportes como o vôlei e o basquete, uma equipe tecnicamente inferior vencer ou empatar um jogo do qual se esperava saísse perdedora. Contudo, não se deve tomar a proeminência dos pés para explicar a popularidade do futebol no Brasil, como fez DaMatta (1982;1994). Este autor afirma que, dadas suas peculiaridades estruturais, o futebol tenderia a ser aceito com maior facilidade em sociedade menos democráticas, como a nossa, onde fatores como destino e sorte/azar são constantemente evocados para explicar os sucessos e infortúnios pessoais. De outro modo, em sociedades com democracia estável, como nos EUA, a preferência recairia sobre esportes jogados com as mãos à medida que estes pressupõem um grau acentuado de previsibilidade, racionalidade, eficiência, etc. Ou seja, os fatores aleatórios teriam menos aceitação no âmbito das democracias. Se esta tese estivesse correta, a popularidade do futebol poderia ser tomada como parâmetro para avaliar o grau de democratização nos diferentes país, o que seria um absurdo. De outra parte, como explicar o prestígio do futebol em quase todos os países ocidentais à exceção dos EUA e uns poucos mais?

num segundo momento, abandonaram - à medida que julgaram ter cumprido seu papel ou, por outra, não mais se reconheceram nela em razão das conotações simbólicas mencionadas acima -, teve, em contrapartida, grande aceitação e reformulação por parte das classes trabalhadoras.

Ainda sobre a proeminência dos pés, convém deixar claro, desde logo, que essa peculiaridade encontrou na cultura popular certa verossimilhança que lhe conferiu um novo estatuto. Esta afirmação é procedente quando se parte de uma perspectiva que, ao invés de depreciar, a cultura popular valoriza, afirma e confere legitimidade às manifestações associadas ao baixo-ventre, às metáforas sexuais, à jocosidade em geral e, principalmente, às irrupções festivas, coletivas e emotivas tão freqüentes no universo futebolístico. É bem verdade que existe uma distância considerável entre o contexto de Rabelais e a Inglaterra da segunda metade do século XIX. Porém, nada impede que se confira à proeminência dos pés e, portanto, ao futebol, uma positividade análoga àquela atribuída por Bakhtin ao *realismo grotesco*¹⁴ e, por extensão, à cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O que existe em comum entre o futebol e o realismo grotesco é a valorização do baixo corporal através de representações - metáforas, alegorias, paródias, etc - que promovem a inversão topográfica do corpo e dos simbolismos a ele associados.¹⁵ Embora requeira o uso equilibrado de todas as partes do corpo, inclusive do intelecto, na arte do futebol valoriza-se sobremaneira as partes baixas e, não é por acaso que as metáforas sexuais encontram nele um terreno fértil e criativo. Lá, onde muitos percebem agressividade e grosserias de toda ordem, prevalece

¹⁴ “No realismo grotesco (isto é, no sistema de imagens da cultura cômica popular), o princípio material e corporal aparece sob a forma universal, festiva e utópica. O cósmico, o social e o corporal estão ligados indissolúvelmente numa totalidade viva e indivisível. É um conjunto alegre e benfazejo” (Bakhtin, 1993:17).

¹⁵ Estas aproximações carecem, evidentemente, de um estudo pormenorizado. Todavia, gostaria de destacar aqui, à guisa de ilustração, uma das tantas manifestações jocosas características do riso suscitado no universo do futebol. Até bem pouco tempo, quando o Grêmio estava “em alta”, seu então vice de futebol e atual presidente, Dr. Luiz Carlos Silveira Martins, o “Cacalo”, não satisfeito em se autopromover, dirigia-se ironicamente aos dirigentes e torcedores do Internacional, oferecendo-se, inclusive, para administrar o clube rival que estava em “baixa”. Desde que o Inter superou a crise técnica e o Grêmio sucumbiu, os torcedores colorados passaram à exaltação do presidente gremista. Tal qual os gremistas, que festejavam o dirigente nos áureos tempos - *Cacalo! Cacalo! Cacalo!* -, os colorados, eufóricos depois de um 5 a 2 sobre o rival, também o aclamaram: *cagalo! cagalo! cagalo!* Seria necessário reconstituir um pouco da trajetória recente dos dois clubes e das “farpas” trocadas pelos *cartolas* para que o leitor pudesse ter uma noção mais precisa do significado deste trocadilho desconcertante. Como esta reconstituição não está nos planos, por ora é preciso ao menos dizer que os colorados acham muita graça da analogia escatológica que inventaram para saudar o “ilustre” presidente rival. E nem poderia ser diferente. Ela ridiculariza e degenera, de forma carnavalesca - pois se trata de uma manifestação coletiva, festiva e bem humorada - o status galgado não apenas pelo presidente do Grêmio mas, metonimicamente, pelo clube como um todo. O que foi construído durante anos e, às duras penas, é simplesmente desconsiderado, numa fração de tempo e por uma única palavra, a qual, proferida em público e em coro, acentua ainda mais seu caráter burlesco e desafiador.

a ótica de quem vê o mundo de cabeça para baixo ou melhor, de baixo para cima. Quando se diz que o futebol se popularizou, está se afirmando também que ele assumiu os contornos de grupos específicos que, a partir de sua visão de mundo, lhe conferiram um novo estatuto.

À medida que a limitação dos pés - desde o ponto de vista anatômico até o escasso treinamento - praticamente inviabiliza o uso eficaz de equipamentos acessórios - como no tênis, por exemplo, onde a raquete é uma espécie de extensão do braço - acaba nivelando os futebolistas “por baixo”. Ou seja, coloca-os em posição de igualdade, minimizando as vantagens práticas decorrentes da posse e do uso de acessórios cuja oferta, já abundante, tende à sofisticação progressiva com o incremento da “indústria esportiva”. Especialmente na “pelada”, “versão elementar do futebol”, a técnica corporal compensa mais facilmente, comparativamente a outras modalidades, o uso de acessórios que, na prática, servem apenas para repor certas “distinções” exógenas; nada substitui o corpo, o uso eficaz de um “equipamento” comum a todos os praticantes. Equiparados sob este aspecto seus praticantes são arrastados para um confronto corpo a corpo e, uma vez destituídas as hierarquias cotidianas, os atributos técnicos tornam-se tão importantes quanto valores como coragem, destemor, ousadia, masculinidade, honra e assim por diante.

É óbvio que tanto a questão da proeminência dos pés quanto outras tantas suscitadas até aqui poderiam ser aprofundadas, e algumas o serão no decorrer dos próximos capítulos. Mas, se considerado o fim que me havia proposto no início - de constituir um panorama sobre a invenção dos esportes modernos - creio suficiente o que já foi explicitado. O futebol, bem como outros jogos antigos, inicialmente proibidos pelas classes altas - reis, clero, moralistas, etc - foram reinventados e devolvidos à sociedade como esportes modernos. A normatização e a restrição à violência física nos esportes ocorreram, como se viu, paralelamente à emergência das nações-Estado, das grandes cidades e da sociedade de classes. O mais importante neste processo talvez seja o residual que chegou até nossos dias. Ou seja, os esportes em geral e o futebol em especial estreitamente vinculados aos clubes e, portanto, à sociabilidade e às identidades coletivas. A chegada deste futebol “institucionalizado” ao Brasil, as diferentes matizes clubísticas que lhe deram suporte e a formação de um público torcedor serão o tema do próximo capítulo. Por ora, é preciso salientar que as bases do “pertencimento clubístico”, objeto desta dissertação, já tinham sido forjadas no âmbito

da sociedade inglesa e de acordo com os embates particulares que foram aqui explorados, especialmente aquele entre amadorismo *versus* profissionalismo.

CAPÍTULO II

CLUBE DO CORAÇÃO: BOM PARA TORCER, BOM PARA SE PENSAR

Zelins,* então como é Deus?
Em forma de esfera.
Uma bola de futebol.
Do Flamengo.

(Murilo Mendes,
in: Coutinho, 1994)

2.1. O caleidoscópio clubístico

A Placar (nº 1127-A) publicou recentemente uma edição especial sobre os 500 “maiores times do Brasil”. Para chegar a este número tão expressivo nem foi preciso mencionar os clubes já extintos e outros tantos que, depois de sucessivas fusões, foram-se perdendo ao longo do caminho. Bastou reunir apenas aqueles que compõem, atualmente, a primeira e segunda divisões de cada estado - com raríssimas exceções - para chegar aos quinhentos. Se fossem incorporados os clubes de várzea, esses que disputam os chamados campeonatos amadores, a quantidade seria infinitamente maior, pois, a cada dia, novos clubes vão sendo fundados em detrimento de outros que desaparecem na mesma proporção. Mesmo assim, o encarte publicado na página central da revista, contendo os escudos dos clubes, dá a impressão de um caleidoscópio: cada um dos clubes ali representados enfrenta seus pares estaduais, alguns participam dos certames nacionais, outros ascendem e descendem de suas respectivas divisões e, assim sendo, produzem as mais variadas combinações. O caleidoscópio é ainda mais nítido quando se sabe que os dísticos são apenas signos que nos remetem aos clubes e estes,

* José Lins do Rêgo.

por seu turno, representam bairros, cidades, regiões, comunidades étnicas, classes sociais e assim por diante.

O mais impressionante porém, é que apenas um número muito reduzido destes clubes, em torno de 15, se destacam na preferência de 78% dos torcedores brasileiros, como indica a Tabela 2.1.

Tabela 2.1
As maiores torcidas do Brasil
(Fonte: Ibope/Placar - 1993)¹⁶

Clube	Percentual de torcedores	Número de torcedores no Brasil
Flamengo - RJ	16,5%	24.115.000
Corinthians - SP	13,6%	19.877.000
São Paulo - SP	7,2%	10.523.000
Vasco - RJ	6,3%	9.207.000
Fluminense - RJ	4,6%	6.723.000
Palmeiras - SP	4,3%	6.284.000
Botafogo - RJ	3,4%	4.969.000
Atlético - MG	3,3%	4.823.000
Cruzeiro - MG	3,2%	4.676.000
Santos - SP	3,1%	4.530.000
Inter - RS	3,1%	4.530.000
Grêmio - RS	2,6%	3.800.000
Bahia - BA	2,5%	3.653.000
Sport - PE	2,2%	3.215.000
Santa Cruz - PE	2,0%	2.923.000
Nenhum	11,4%	16.662.000
Outros	10,7%	15.639.000
Total	100%	145.154.000

Estes dados mereceriam um cotejamento mais detalhado daquele que será aqui empreendido. Todavia, de acordo com o tema deste capítulo, deve-se destacar, antes de mais nada, que apenas 10,7% dos entrevistados nomearam “outros” clubes, um dado significativo considerando-se a grande quantidade de agremiações que compõem o “caleidoscópio” anteriormente referido. Embora o Ibope tenha limitado seu universo de pesquisa às principais capitais e regiões metropolitanas, nada faz crer que a Tabela 2.1

¹⁶ O Ibope ouviu 3.503 pessoas nas nove principais capitais brasileiras e respectivas regiões metropolitanas. Num primeiro momento, o comportamento deste universo foi estendido ao Estado correspondente às capitais e, num segundo, para todo o Brasil - respeitando, evidentemente, a proporção com que cada estado contribui para o total da população brasileira. A margem de erro é de 3%, para mais ou para menos.

traria diferenças significativas se a pesquisa tivesse sido realizada nos demais estados, cidades e no interior do Brasil. Ocorre que, como terei a oportunidade de demonstrar no próximo capítulo, a partir do Rio Grande do Sul, a tendência é que os clubes das capitais sejam os mais citados também no interior dos estados.

Outro dado importante indica que os torcedores tendem a optar por clubes sediados nas capitais e regiões metropolitanas onde residem. Não é por outro motivo que na lista das 15 torcidas mais numerosas encontrem-se clubes de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre e Salvador, justamente os maiores centros urbanos do país. A exceção à regra é o Flamengo que, além de ser o mais citado no Rio de Janeiro (41,9%)¹⁷ possui grande contingente de torcedores espelhados nas demais capitais, entre as quais Brasília (46,4%), Fortaleza (21,4%), Salvador (9,5%) e até mesmo Curitiba (7,9%) e Belo Horizonte (5,1%), cidades que possuem clubes de projeção nacional. Já o Corinthians, que aparece em segundo lugar, deve seu expressivo contingente de torcedores à densidade populacional do estado de São Paulo, onde o alvi-negro possui praticamente o dobro (36,4%) do índice do segundo colocado, o São Paulo (17,6). Já o Atlético e o Cruzeiro, bem como o Internacional e o Grêmio, têm suas torcidas restritas, basicamente, aos estados de Minas Gerais (38,5% e 37,9%) e Rio Grande do Sul (45,5% e 41%), respectivamente. É o caso também de Sport (36,8%), Santa Cruz (33,3%) e Bahia (44,9%), embora, este último, tenha obtido um índice significativo na capital paulista (2,2%), provavelmente em razão do número expressivo de nordestinos que migraram para São Paulo nos últimos anos. Em resumo, a pesquisa Ibope/Placar, além de apontar as maiores “nações” clubísticas, indica haver uma tendência dos torcedores optarem por clubes de suas cidades ou estados. Esta tendência se acentua nos estados cujos respectivos clubes disputam os certames nacionais - Rio de Janeiro, São Paulo, etc - e a diminuir naqueles cujos clubes possuem apenas projeção regional - Ceará, Distrito Federal, etc. Isto reforça, a meu ver, a tese de que o futebol mobiliza uma série de questões nacionais, inclusive as diferenças regionais, fazendo com que torcedores de estados cujos clubes são menos expressivos do ponto de vista performático venham a optar por outros clubes, de outros estados, mas que garantem ao torcedor uma participação efetiva, interessada e exitosa no cenário do futebol nacional.¹⁸

¹⁷ Estes dados complementares foram fornecidos pela mesma pesquisa Ibope/Placar (Placar nº 1088:13).

¹⁸ É obvio que esta participação do torcedor é permeada por uma série de influências dentre as quais deve-se destacar a mídia impressa e eletrônica. O contingente significativo de torcedores dos clubes

De outra parte, os clubes mais “queridos” são também os “melhores”. A Tabela 2.2 demonstra haver uma correlação entre as maiores torcidas e o desempenho dos respectivos clubes.

Tabela 2.2
Os grandes clubes do futebol brasileiro
 (Fontes: Ibope/Placar - 1993; Folha de São Paulo - 28/12/97;
 Revista Placar - nov/97; Revista Placar n° 1127-A - set/97)

Clubes	Ranking das Torcidas	Ranking Folha de SP ¹⁹	Ranking Placar ²⁰	Ano de fundação
Flamengo - RJ	1°	1°	6°	1895
Corinthians - SP	2°	9°	5°	1910
São Paulo - SP	3°	3°	1°	1935
Vasco - RJ	4°	7°	8°	1898
Fluminense - RJ	5°	6°	12°	1902
Palmeiras - SP	6°	2°	3°	1914
Botafogo - RJ	7°	12°	11°	1904
Atlético - MG	8°	10°	2°	1908
Cruzeiro - MG	9°	8°	9°	1921
Santos - SP	10°	5°	10°	1912
Inter - RS	11°	11°	4°	1909
Grêmio - RS	12°	4°	7°	1903
Bahia - BA	13°	13°	15°	1931
Sport - PE	14°	17°	19°	1905
Santa Cruz - PE	15°	19°	23°	1914

Embora não haja uma correlação precisa entre a posição no “ranking das torcidas” e os “rankings das conquistas” propriamente dito - como é o caso do Corinthians, por exemplo -, os 13 clubes que despontam no primeiro são também os 13 primeiros nos outros dois - exceção do Bahia que é 15° no “ranking Placar”. Como a “Folha de São Paulo” e a “Placar” utilizam critérios diferenciados, a posição dos clubes nos “rankings das conquistas” se altera de acordo com o desempenho mais ou menos

do Rio de Janeiro no Nordeste, por exemplo, deve-se em grande parte à influência exercida pelas rádios Nacional e Tupi, pioneiras nas transmissões esportivas. Cf. Leite Lopes (1994).

¹⁹ O “Ranking Folha do futebol brasileiro” atribui pontos de acordo a importância das principais competições das quais os clubes brasileiros participam. Pontuam apenas o campeão e o vice de cada competição. Como os critérios de pontuação são determinados pela própria “Folha de São Paulo”, cf. FSP 28/12/98.

²⁰ O ranking da “Placar” tem como referência apenas a participação dos clubes nos campeonatos brasileiros disputados a partir de 1971 e por esta razão difere do “Ranking Folha”. São atribuídos pontos de 1 a 10 de acordo com a ordem decrescente de classificação nos brasileiros; o campeão soma dez pontos, o vice nove e assim sucessivamente até o 10° colocado que soma um ponto - os demais não pontuam.

exitoso nos campeonatos que disputam. Ainda assim, o “grupo dos 13” parece se constituir num circuito fechado, tanto no que se refere à preferência dos torcedores quanto no rateio dos títulos em disputa.²¹

Outro aspecto importante é a correlação existente entre a época de fundação dos clubes - à exceção do Bahia, 1931, e do São Paulo, 1935, os demais surgiram antes dos anos 30 - e as respectivas performances. Do ponto de vista dos “rankings das conquistas” esta correlação é até mesmo óbvia. Ou seja, como os rankings são cumulativos, quanto mais antigo o clube mais campeonatos ele disputou e, conseqüentemente, mais chances de pontuar ele teve. Porém, como praticamente todos os integrantes do “grupo dos 13” foram fundados nas primeiras décadas deste século - quando eram disputados um número reduzido de jogos -, a data de fundação não chega a exercer influência significativa em relação às diferentes posições que estes clubes ocupam nos rankings “Folha” e “Placar”. De qualquer forma, a antigüidade lhes confere certa estabilidade pois, embora possam passar várias temporadas sem títulos, dificilmente serão ultrapassados por um clube de “fora”. Em resumo, o “grupo dos 13” tende a se perpetuar no topo das conquistas.

Mas, é bom deixar claro, ser antigo, por si só, não garante destaque nos rankings. Então, seria algo contingencial o fato dos “melhores” e “mais queridos” serem também “antigos”? A resposta é negativa, pois, embora a contingência seja intrínseca ao futebol, ela tende a ser diluída ao longo do tempo. Ou por outra, a constituição do “grupo dos treze” não é mero casuísmo.

Posso adiantar desde logo que um clube não é “grande” pelo fato de ter uma torcida numerosa ou conquistar muitos títulos. Antes, pelo contrário, é justamente por que são “grandes” que seduzem multidões e acumulam troféus. “Grande” para os torcedores é, antes de tudo, uma noção da ordem do simbólico: “grande” é um predicado atribuído ao clube na medida em que este é capaz de suscitar “grandes” emoções, “grandes” conflitos, “grandes” tradições, enfim, “grande” excitação. Por isso eles são chamados de “clubes do coração” e datam, a maioria deles, da época do amadorismo - antes portanto, dos anos 30. E sendo esta afirmação decisiva para o entendimento de como opera o pertencimento clubístico, ou se se preferir, a produção de identidades coletivas no meio futebolístico, urge explicitá-la no decorrer do capítulo.

²¹ Para consolidar ainda mais este grupo, em 1987 foi fundada a “União dos Grandes Clubes do Futebol Brasileiro”, popularmente designada como “Clube dos 13”. Para um “estudo de caso” sobre o Clube dos Treze, suas contradições e paradoxos, cf. Helal (1997:84-101).

O que me proponho aqui não é, evidentemente, classificar os clubes brasileiros, sejam eles “grandes”, “médios” ou “pequenos”, mas, a partir da diversidade, esboçar, em linhas gerais, as três grandes vertentes que lhes deram origem: os clubes de elite, os clubes-equipes e os clubes de fábrica. Este esboço é fundamental para se compreender: a) as razões pelas quais alguns clubes têm hoje uma grande legião de seguidores enquanto outros, da mesma cidade e fundados mais ou menos na mesma época, simplesmente desapareceram; b) as diferentes modalidades de pertencimento para, num segundo momento, privilegiar umas em detrimento de outras; c) a importância dos clubes ao longo da reelaboração do futebol no Brasil; e, principalmente, d) os contextos que deram origem às grandes rivalidades e, por extensão, às grandes torcidas.

De acordo com o “roteiro” acima, subdividi o restante deste capítulo em dois blocos que correspondem ao segundo e ao terceiro subcapítulos de “Clube do coração”. O próximo subcapítulo, “O *habitus* associacionista e o futebol no Brasil”, corresponde ao contexto que deu origem aos primeiros clubes e às várias modalidades de pertencimento a eles associada. A influência dos imigrantes europeus na fundação dos clubes e na disseminação do *habitus* esportivo, bem como a conturbada passagem do amadorismo para o profissionalismo também serão abordados neste primeiro bloco. Já o último subcapítulo, “Os torcedores e seus clubes”, suscita algumas questões mais gerais acerca do pertencimento clubístico e sobre esta forma particular de sociabilidade através do conflito.

2.2. O *habitus* associacionista e o futebol no Brasil

2.2.1. Os clubes de elite

O futebol chegou ao Brasil como “um produto de importação” (Leite Lopes, 1994:29). Embora alguns pesquisadores contestem esta tese, especialmente no que se refere à primazia de Charles Miller - como é o caso de Shirts (1982) - a maioria, entre os quais me incluo, assumem abertamente a visão “oficialista” tomando o próprio Miller - suas origens, sua trajetória, suas idéias, etc - como um “dado” extremamente revelador. Nesta perspectiva, são constantemente evocados o ano de 1894, quando foi realizado o primeiro jogo “oficial”; o fato de Miller ser brasileiro de descendência inglesa - era filho do cônsul britânico em São Paulo -; e de ter organizado o primeiro

match quando retornou de Southampton, Inglaterra, onde estivera como interno durante seus estudos. Outros “detalhes” são, contudo, relegados ou, na melhor das hipóteses, referidos como secundários. Via de regra, dá-se pouca importância ao fato de Miller ter trazido consigo duas bolas “oficiais”, um livro de regras “oficiais” e, o mais revelador de todos os “detalhes”, não saiu dando *shoots* no quintal do consulado, senão que organizou um *meeting* “oficial”; distribuiu os cavalheiros - ingleses ou descendentes da aristocracia e da alta burguesia paulista - em *teams* e as damas - de mesma procedência - na *assistance*. Miller não trouxe, portanto, apenas uma prática esportiva, em si mesma símbolo da modernidade européia para a elite brasileira, mas um modelo de sociabilidade, de associacionismo e de pertencimento. Esse modelo, já consolidado no âmbito inglês, pressupunha certas exigências básicas como o cumprimento das regras do jogo, a organização e divulgação dos embates, a fundação de clubes, ligas, enfim, um mínimo necessário capaz de garantir ao futebol a mesma legitimidade que ele conquistara no velho mundo. Do contrário não seria futebol e tampouco símbolo da modernidade.

De acordo com Levine (1982), a história do futebol no Brasil pode ser dividida em quatro períodos amplos, sendo que no primeiro deles, entre 1894 e 1904, o futebol se “manteve restrito aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros e à elite local”, de acordo com o modelo implementado por Charles Miller.²² Ainda que se possa fazer algumas objeções em relação as generalizações de Levine, que toma como parâmetro apenas o eixo Rio-São Paulo - sendo assim, o ano de 1894 corresponde ao *match* organizado por Miller, em São Paulo, e 1904, a fundação do The Bangu Athletic Club, o primeiro clube operário - no mais a afirmação é procedente. Durante essa primeira década, o futebol se manteve, em geral, restrito aos clubes e estes, por seu turno, circunscritos aos imigrantes europeus.

Witter (1982) apresenta, retirada de “O Estado de São Paulo”, uma tabela do Campeonato Paulista de 1902 na qual figuram os seus participantes: São Paulo Athletic Club, Mackenzie College, Atlético Paulistano, Sport Club Germânia e Sport Club Internacional. Eram os “grandes” da época, não pelo fato de mobilizarem extenso contingente de público - embora tivessem uma *assistance* considerável - mas por terem

²² Ainda segundo Levine, os períodos subseqüentes e suas respectivas caracterizações seriam os seguintes: 1905-33, sua fase amadora, marcada por grandes passos de divulgação e pressão crescente para melhorar o nível do jogo através de subsídios para os jogadores; 1933-1950, o período inicial do profissionalismo; e a fase após 1950, de reconhecimento de nível internacional, acompanhada por comercialização sofisticada e por maturidade como recurso nacional incontestável (:23).

sede própria, estrangeiros e paulistas de “quatrocentos anos” no *ground* e na *assistance*, espaço na imprensa e, principalmente, por serem clubes e não apenas times, como era freqüente no “pequeno futebol” - como a imprensa da época denominava, pejorativamente, o futebol jogado em condições precárias, nos campos de várzea (Cf. Toledo, 1996a:17).

Esses “grandes” clubes paulistas tiveram vida curta. O São Paulo Athletic Club, fundado pela comunidade britânica, chegou a ser tricampão da cidade entre 1902 e 1904. Em 1911, o São Paulo A. C. (nada a ver com o atual São Paulo Futebol Clube) seria novamente campeão da cidade mas, desta vez, “ganhou mas não levou”. A Associação Atlética das Palmeiras (nada a ver com a atual Sociedade Esportiva Palmeiras), julgando-se prejudicada pela arbitragem tentou impedir que o São Paulo ficasse com o troféu. Indignados, os são-paulinos abandonaram o futebol, “não apenas por causa da bagunça, mas também porque os ventos sopravam para o profissionalismo” (John Robert Mills, diretor e historiador do São Paulo A. C.). A Associação Athletica do Mackenzie College, restrita aos alunos do colégio homônimo, também desapareceu do futebol antes mesmo da década de dez. O Sport Club Internacional surgiu de uma dissidência do Hans Nobiling Team, quando seu idealizador, Hans Nobiling, decidiu transformar o *team* num *club* e dar-lhe o nome de Alemanha. Os que não eram alemães - brasileiros, franceses, italianos, etc - não consentiram e deixaram que Hans Nobiling fundasse o Alemanha, em 1899, enquanto eles fundaram o Internacional. O Sport Club Alemanha abandonou o futebol em 1917, por ocasião da Iª Guerra Mundial, e desde então passou a se chamar Pinheiros, que ainda hoje figura entre os mais conceituados clubes sociais de São Paulo. Por fim, o Club Athletico Paulistano, fundado para a prática do ciclismo, em 1900, foi o que teve, entre todos, mais glórias futebolísticas. Mesmo assim, abandonou o futebol com o profissionalismo, por volta dos anos trinta. Deixou “órfão” um time 11 vezes campeão paulista, que não teve outra saída senão migrar para outro clube, até que em 1935 os remanescentes do Paulistano fundaram o atual São Paulo.²³

A influência dos imigrantes europeus se estendeu ao longo das décadas seguintes. Os atuais “grandes” do futebol paulista, por exemplo, estiveram, desde suas fundações, ligados direta ou indiretamente a estes estrangeiros atraídos à metrópole

²³ Os dados sobre os primeiros “grandes” do futebol paulista foram retirados de “A história ilustrada do futebol brasileiro” (s/d, vol. 1). Acerca da fundação do São Paulo F. C. ver “São Paulo Futebol Clube: saga de um campeão” (1994).

paulistana pelo acelerado processo de industrialização desencadeado a partir da virada do século.

O Corinthians paulista se firma, logo de início, como o time do proletariado e do subproletariado urbano (inclusive uma grande maioria de negros), mas está longe de ser o time de maior torcida. Esta fica por conta do Palestra Itália (atual Palmeiras) que, como é óbvio, concentra os torcedores da colônia italiana, fornecedora de mão-de-obra especializada e/ou semi-especializada. Desde aí estabelece-se uma rivalidade muito grande entre estas duas torcidas, explicada por Anatol Rosenfeld como uma oposição entre o elemento local, nativo, e o elemento estrangeiro em ascensão que disputam entre si um mercado de trabalho ainda reduzido (César, 1982:155-6).

No Rio de Janeiro, onde a chegada do futebol seguiu, em linhas gerais, os mesmos passos de São Paulo, os clubes possuíam forte influência dos imigrantes e alguns deles já existiam antes mesmo do futebol. O Clube de Regatas Vasco da Gama, por exemplo, surgiu a partir do Lusitânia Club e foi fundado em 1898 por prósperos comerciantes e banqueiros portugueses. O Fluminense Futebol Clube, considerado, nos primórdios, como a “elite entre a elite”, foi fundado em 1902 como uma ampliação do Rio Cricket and Athletic Association, de influência inglesa (Coelho Netto, 1952).

O Flamengo, 1º colocado no ranking das torcidas (Tabela 2.1), surgiu como Clube de Regatas do Flamengo, em 1895, e só abriu espaço para o futebol 14 anos depois, quando 9 dos 11 campeões estaduais de 1911 tiveram um desentendimento no Fluminense e pediram asilo no arquirrival - ou melhor, a rivalidade surgiu daí.

O Flamengo hesitou, acabou cedendo, mais para fazer uma experiência. Se o futebol não combinasse com o remo, nada feito. E como não podia combinar, o time de futebol entrou em campo com uma camisa bem diferente da camisa do remo. (...) A camisa de futebol horrorosa, de quadrados pretos e vermelhos, ganhou logo um apelido: *papagaio de vintém*. [Os futebolistas não gostaram e mudaram logo em seguida mas, como era imperioso que mantivessem a diferença em relação aos remadores, introduziram um friso branco entre as listras horizontais pretas e vermelhas; o vermelho e preto, na horizontal, era exclusividade do remo]. (...) Mas veio a Grande Guerra, submarinos alemães afundaram navios brasileiros e o povo foi para as ruas caçar alemão (...). Foi quando se descobriu uma semelhança entre a camisa de futebol do Flamengo e a bandeira alemã: vermelha, preta e branca, justamente as cores da camisa cobra coral. A listrinha branca (...) para distinguir o futebol do remo, atrapalhou tudo. Por causa dela o Flamengo foi olhado com desconfiança. E o Flamengo tinha alemães, sócios alemães, que gostavam de sair de manhã cedo com um barco, que gostavam de remar. Botou-se para fora tudo quanto era sócio alemão. E tirou-se, da

camisa do time de futebol, o friso branco que separava o vermelho do preto (Mário Filho, 1964:36).

A narrativa de Mário Filho, enfatiza, com uma pontada irônica, o *glamour* dos “grandes” clubes cariocas. Como se pode perceber, à exceção do Fluminense, os demais foram fundados por remadores - ainda preservam o “de regatas” no nome - e isto não se deve apenas à localização geográfica do Rio de Janeiro. Trata-se, evidentemente, de um diferença em relação aos clubes de São Paulo mas, é preciso ter claro que o remo era, este sim, um esporte de elite.²⁴ Botafogo, Flamengo e Vasco, especialmente os dois últimos, surgiram do remo e para o remo, só mais tarde incorporando o futebol. Não eram, portanto, apenas clubes identificados com os imigrantes europeus mas com uma elite entre estes imigrantes e, por esta razão, permitiam a inclusão de sócios não-imigrantes, desde que bem estabelecidos social e economicamente.

Se, no caso do Rio de Janeiro, o futebol da *belle époque* deve muito ao status galgado anteriormente pelos remadores, que contribuíram para familiarizar as elites brasileiras com o novo estilo de vida originário das metrópoles européias, no caso de Porto Alegre, o futebol tem muito a ver com ginastas, remadores, ciclistas e outros tantos desportistas teuto-gaúchos. O futebol chegou à capital gaúcha em 1903, mas, antes dele já existiam várias sociedades esportivas e recreativas. A Sociedade Leopoldina, cuja denominação homenageia a Imperatriz D^a Leopoldina, “protetora dos imigrantes”, foi fundada em 1863 por um grupo de vinte alemães e teuto-gaúchos. A Sociedade Ginástica Turnerbund, atualmente Sociedade Ginástica Porto Alegre, ou simplesmente Sogipa, surgiu da fusão, em 1892, de duas outras entidades teuto-gaúchas onde era praticada a ginástica. Além da ginástica, a Turnerbund oferecia aos seus associados uma gama variada de outras atividades tais como tênis, esgrima, bolão e até mesmo coral e canto, só para citar as mais importantes (ver Hofmeister, 1987). Havia outras sociedades de menor expressão mas, o que é importante destacar aqui, todas elas

²⁴ “(...) Quem era do remo olhava quem era do futebol por cima. Julgando-se superior, mais fino. (...) Em dia de regata não havia jogo. Nenhum clube, nem o Fluminense, nem o Botafogo se atrevia a marcar um jogo para o mesmo dia, a mesma hora. Talvez os torcedores sem colarinho e gravata fossem. Era quase certo, porém, que as arquibancadas ficassem vazias. Pelo menos de moças. Enquanto isso, a murada da praia de Botafogo cheia (...). E havia corso na Avenida Beira-Mar. As vitórias, os *landolets*, os *doublephateon*, os *cabrioletes*, os *tilburis*. Só carro puxado a cavalo. (...) E as moças ficavam em pé, um instante, segurando os chapéus enormes, de flores, de frutas, de plumas, para ver a chegada das regatas. (...) Diante daqueles músculos, daqueles corpos atléticos, Olavo Bilac se transportava para a Grécia. Inflamava-se, não se continha. Músculos assim tinham vencido a batalha de Salamina. Já diante de um jogador de futebol, de chuteiras, de meias grossas de lã, de calções afinando no joelho, de camisas de mangas compridas, quase nada de fora, o poeta da *Via Láctea* ficava frio” (Mário Filho:27).

cultuavam, além das práticas esportivas, certos traços identitários entre os quais a língua de origem de seus sócios-fundadores.

Tal qual o Flamengo, a Turnerbund relutou em admitir o futebol. Tanto é verdade que o Fuss-Ball Mannschaft Frisch Auf (Equipe de Futebol Sempre Avante) só apareceu, “oficialmente”, em 1909, como uma espécie de departamento de futebol da Turnerbund. Antes disso, esta e outras associações esportivas da capital contribuíram, mesmo que indiretamente, para a fundação do Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre e do Fuss-Ball Club Porto Alegre, os dois primeiros clubes de futebol da capital gaúcha (cf. Cap. III).

Um inventário acerca da introdução do futebol nas demais capitais brasileiras - refiro-me especialmente à Curitiba, Belo Horizonte, Salvador e Recife, por se situarem nestas cidades alguns dos grandes do futebol brasileiro - não difere, substancialmente, do que ocorreu em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Em geral, foram os imigrantes que assumiram a tarefa, e cumpriram-na como tal, de fundar clubes e disseminar tanto o futebol quanto outras práticas esportivas trazidas da Europa.

Por razões diversas, nem todos foram, contudo, bem sucedidos. Tal qual o Sport Club Germânia e o São Paulo Athletic Club, já referidos anteriormente como os “grandes” clubes paulistas do início do século, outras agremiações passaram por profundas transformações com a emergência do profissionalismo. Antes de ser implementado oficialmente, mais ou menos por volta dos anos 30, já existia uma espécie de profissionalismo oculto ou “profissionalismo marrom”, como se tornou popularmente conhecido. Os clubes, por intermédio de seus dirigentes abnegados - no Grêmio eram designados como próceres, do latim, *procere*, “homem importante de uma nação, classe, partido, etc” -, ofereciam “prêmios” aos atletas, em espécie - “bichos” - ou empregos, incrementando a competitividade entre eles e, por extensão, entre os clubes (cf. Leite Lopes, 1994).

Diante dessa nova realidade, o futebol, que outrora significara o progresso e a modernidade, tornou-se um incômodo. Enquanto uma prática corporal, sob este aspecto compatível a outras tantas muito valorizadas no interior dos clubes de elite, o futebol não oferecia maiores resistências. Porém, à medida que o futebol se popularizava, minava o exclusivismo das elites pondo abaixo aquela aura de distinção que ele promovera logo que chegou ao Brasil. O incremento da competitividade, que forçava o enfrentamento de clubes de status desigual, era outro inconveniente àqueles que até

então detinham o monopólio técnico.²⁵ Por fim, o futebol arrebatava o espaço e o dinheiro dos clubes e o tempo e as atenções de seus freqüentadores em detrimento de outras atividades, inclusive as ditas “sociais”, que ficavam progressivamente à margem.

Com o perdão do arremate um tanto rápido, o futebol passava de englobado à englobante. O que no princípio era apenas mais uma opção de lazer e sociabilidade tornara-se uma atividade fim, não mais um fim em si mesmo, como pregava o amadorismo, mas como um fim voltado à competitividade entre agremiações e, por extensão, ao acirramento das rivalidades sócio-econômicas, étnicas, locais, regionais e assim por diante. Nesse contexto, muitos clubes de elite barraram o futebol, como foi o caso do Germânia, em São Paulo, e da Sogipa, em Porto Alegre. Outros conciliaram o amadorismo - festas, bailes, esportes amadores, etc - com o profissionalismo - representado pelo futebol - e, por fim, houve os que se deixaram tomar, quase por completo, pelo futebol. Neste caso, a parte se tornou o todo.

Quando se afirma que o futebol foi recebido no Brasil como um símbolo da modernidade, deve-se ter em mente, antes de tudo, que se está referindo à versão amadorística deste esporte, com todas as implicações que isto pressupõe. Do ponto de vista simbólico e, mais especificamente, em termos valorativos, o modelo de sociabilidade face a face entre consócios de status equiparado que o futebol contribuiu para solidificar - é bom lembrar, como já frisei anteriormente, que mesmo no Brasil, tanto o associacionismo quanto a esportivização já haviam dado seus primeiros passos quando da chegada do futebol - foi tão ou mais importante que a prática em si mesma. Por um lado, os clubes de elite serviram como “modelo” de organização para outras instituições do mesmo gênero que se desenvolveram paralelamente. Por outro, dada a influência de seus sócios e freqüentadores, o futebol galgou rapidamente as colunas sociais na imprensa da época e isto contribuiu, decisivamente, para quebrar certas resistências em torno de uma prática que ensejava um novo estilo de vida.²⁶

²⁵ O seletivo Rio Cricket and Athletic Association, por exemplo, abandonou o futebol em 1915, depois de ter sido o último colocado no campeonato daquele ano e, como exigia o regulamento, foi obrigado a disputar um jogo extra para ver se permanecia entre os “grandes” no ano seguinte. O “tiro de misericórdia” foi obra do Andaraí, um modesto clube de fábrica que contava com vários negros na equipe. Como escreveu Mário Filho, “não tinha graça inglês apanhar de preto” e, sendo assim, o Rio Cricket encerrou suas atividades (:82). Outro caso conflituoso freqüentemente citado na literatura especializada refere-se à expulsão do Vasco da Gama da Liga Oficial depois de ter vencido o Campeonato de 1923. Como a base do time era composta por negros, o Vasco foi acusado de burlar as regras do amadorismo, por aliciar e recompensar economicamente seus atletas, só retornando à primeira divisão depois de concluído o Estádio de São Januário, na época o maior estádio privado do Brasil. Cf. Leite Lopes (1994).

²⁶ Se, por um lado, o futebol e outros esportes provocaram transformações profundas nos costumes da população mais jovem, seja no vestuário, na maneira de andar, nos cuidados com o corpo e no lazer de fim de semana; por outro, o “espírito esportivo”, em especial o futebol, despertava a ira não

Nenhum clube que pretendesse a distinção poderia abdicar dos rituais. A entrada em campo portando a bandeira da agremiação, a execução do hino, a saudação aos torcedores, inclusive aos adversários, era algo imprescindível; tal qual o uso de um uniforme vistoso, importado de preferência, com o dístico do lado esquerdo do peito - daí porque se diz que são os “clubes do coração” ou vice-versa -, tudo isso era imprescindível para tornar um clube respeitável. Em alguns casos, o ideário clubístico beirava o ufanismo, como no caso do primeiro hino do Fluminense.

O Fluminense é um crisol
Onde apuramos a energia
Ao pleno ar, ao claro sol
Lutando em justas de alegria
O nosso esforço se consagra
Em torno do ideal viril
De avigorar a nova raça
Do Brasil

Corrige o corpo como o artista
Vida imprime à estátua augusta
Faz da argila uma robusta
Peça de aço onde a alma assenta
Na arena como na vida
Do forte e sempre a vitória
Do estádio foi que a Grécia acometida
Irrompeu para a glória

Ninguém ao Club se pertence
A glória aqui não é pessoal
Quem vence em campo é o Fluminense
Que é como a pátria, um ser ideal
Assim nas justas se congiraça
Em torno de um ideal viril
A gente moça, a nova raça
Do nosso Brasil

Adestra a força e doma o impulso
Triunfa mas sem alardo
O herói é bravo mas galhardo
Tão forte d'alma que de pulso
A força esplende em saúde
E abre o peito à bondade
A força é a expressão viva da virtude

apenas dos moralistas e conservadores, defensores da moral e dos bons costumes, mas também de parte da intelectualidade brasileira, intransigente em relação à imitação dos costumes europeus. Sobre as transformações engendradas pelo espírito esportivo nos anos vinte, em São Paulo, cf. “Carnaval na Babilônia” (Sevcenko, 1992). Para uma abordagem contextualizada do repúdio à importação dos costumes europeus, especialmente nos casos de Lima Barreto e Graciliano Ramos, cf. Rodrigues Filho (1995) e Toledo (1996b).

E garbo da mocidade!
(In: Coelho Netto, 1952:60-1)

Letrado por Coelho Neto em meados da década de dez, o hino seguia a melodia de uma canção muito popular entre os marinheiros ingleses - *It's a long, long way to Tipperary* - que ancoravam na Guanabara. Lembra, em linhas gerais, uma frase não menos eloqüente, exaltando os valores do esporte na “formação do caráter” proferida por Rui Barbosa com alguns anos de antecedência: “Não pretendemos formar atletas nem acrobatas mas desenvolver no homem o quantum do vigor físico, indispensável à felicidade d’alma e à sobrevivência da espécie”.

O culto ao corpo saudável, à formação do caráter, à juventude, à eugenia, à livre associação, enfim, tudo o que aparece claramente no hino do Fluminense esteve indissociavelmente ligado ao pertencimento clubístico, pelo menos nos primórdios do futebol no Brasil. A noção amplamente difundida na época, de que os clubes se constituíam numa espécie de “família laica”, persiste ainda hoje e tanto é verdade que a escolha do “clube do coração” segue às influências do pai, da família, dos amigos, enfim, do círculo de sociabilidade mais próxima. Ainda que o futebol e os próprios clubes tenham passado por inúmeras transformações, os ideais do amadorismo - literalmente: do amante, daquele que ama - permanecem vivos no imaginário dos torcedores. O “amor ao clube” se traduz no “amor à camiseta”, uma exigência que os torcedores fazem aos atletas, nos dias de hoje, em plena vigência do profissionalismo, do marketing e do consumo do futebol em larga escala.

2.2.2. Os clubes-equipes

Para tornar mais clara a diferença, muito sutil, entre os clubes de elite e os clubes-equipes, convém apresentar logo um exemplo. O Botafogo, o clube de futebol que mais tarde se juntou ao Botafogo dos remadores para formar o Botafogo de Futebol e Regatas, surgiu a partir de um “racha” entre os alunos do Colégio Alfredo Gomes: dois grupos de alunos que tinham entre si muitas afinidades, especialmente em termos de situação e posição de classe - pertenciam à alta burguesia -, queriam tornar-se homens no interior de um clube e apreciavam o futebol. Uma parte gostava do Fluminense, outra porém, era-lhe indiferente: foram ao jogo mas

(...) nada sentiram quando o Fluminense entrou em campo”, [não pularam, não bateram palmas, enfim, não tinham] admiração profunda pelos *players* do Fluminense. (...) O Fluminense era uma coisa, futebol outra. Compreenderam logo o futebol, não compreenderam o Fluminense. [O grupo de alunos do Alfredo Gomes juntou-se, então, à outro, do Ginásio Nacional Pedro II, e fundaram o Botafogo]. O desejo de ser homem, tão forte em todo o rapazinho não era menos forte em Flávio Ramos, em Emanuel Sodré (...). Mas eles se tornariam homens no Botafogo, no seu clube. Era o bairrismo tomando a forma de um clube, de uma bandeira, de um escudo” (Mário Filho:14-6).

Os jovens botafoguenses residiam nesse bairro mas, se comparado ao Fluminense, pioneiro em tudo, inclusive na aquisição de um *ground* - alugado e depois comprado em definitivo -, o campo improvisado no Largo dos Leões, com palmeiras servindo de goleiras, estava longe de se denominar uma sede, algo imprescindível aos clubes de elite. Os botafoguenses não tardariam a constituir um clube respeitável, o importante naquele contexto era, como afirma Mário Filho, seguir “a tendência natural das coisas, cada jogador procurando o seu meio, indo para onde estava a sua gente. E quando a sua gente não tinha clube, o jeito era fundar um” (:14).

Os clubes se proliferaram rapidamente, bastando, para fundar uma nova agremiação, juntar onze jovens ou adolescentes e encontrar um local adequado à prática do futebol. Os terrenos baldios, abundantes na época, não constituíam problema. O mais difícil era adquirir a bola e o uniforme; os clubes de elite encomendavam do exterior, os que não dispunham desta prerrogativa tratavam de confeccioná-los aqui mesmo. Assim, surgiram clubes formados por moradores do mesmo bairro, de rua, estudantes de um mesmo colégio, vila operária e assim por diante. E não era apenas o frenesi da prática que impulsionava a formação dos clubes-equipes mas, principalmente, a difusão dos ideais associacionistas. Inicialmente vinculado aos imigrantes e às elites nativas, o associacionismo ganhou terreno entre as camadas médias e populares. Como está claro no caso do Botafogo, a difusão do futebol aparece imbricada neste modelo institucionalizado chamado clube.

Frydenberg (1997), escrevendo sobre a popularização do futebol na Argentina, apresenta algumas ponderações que auxiliam a pensar o caso brasileiro, especialmente em relação aos clubes-equipes.

Para ser un *footballer* fue suficiente ser miembro de un club, y no fue necesario saber jugar al fútbol. Cuando once jóvenes se agrupaban formando un equipo, dedicaban su tiempo en fundar un club, eligiendo su nombre, sus dirigentes, el diseño de su sello, etc. Aquí se puede apreciar el nacimiento del equipo-club. Un club creado para

formar un equipo y poder así competir con otros semejantes en el espacio del fútbol aficionado. En este universo competitivo, con el tiempo, convivieron clubes que siguieron siendo sólo un equipo-club, con otras asociaciones integradas por ejemplo con cinco *teams*, o sea, con el mismo origen fueron logrando otro nivel de desarrollo. La misma dinámica de estos clubes los impulsaba a contar con la mayor cantidad posible de asociados. Cuanto más socios, más recursos para engrandecer la institución. La diferencia con los clubes de la elite o de la colonia inglesa fue notable pues estos hicieron de la restricción y selección un valor. Contrariamente, los nuevos clubes debieron ensachar su base social de apoyo como forma de sobrevivir y si fuera posible, crecer (:10).

Pelo menos dois aspectos da dinâmica clubística suscitados por Frydenberg devem ser retomados, à medida que correspondem, em linhas gerais, ao processo de popularização do futebol no Brasil. O primeiro deles, refere-se à formação dos clubes; o segundo, às diferenças entre os clubes de elite e os clubes-equipas.

No primeiro caso deve-se ressaltar a questão da institucionalização. Em vários momentos a fundação dos clubes precede e se sobrepõe, em termos valorativos, à aprendizagem e à prática do futebol. É interessante notar como tais procedimentos e ideais perpassam as elites, que de qualquer modo servem como modelo, inserindo-se no contexto dos grupos médios e populares. O impulso competitivo, o desejo de se colocar em jogo as diferenças, quaisquer que fossem, converge no incremento dos clubes e na formação de ligas paralelas.

A diferença entre os clubes de elite e os clubes-equipas, e assim chegamos ao segundo aspecto a ser destacado, deve-se à orientação díspare quanto à aceitação de novos sócios. Enquanto os primeiros optaram pela seleção rigorosa, como um critério de preservar a identidade da instituição e do grupo, os segundos adotaram a perspectiva oposta que, com o advento do profissionalismo, mostrar-se-ia decisiva quanto à sobrevivência dos próprios clubes. O que se passa ao longo da popularização é uma inversão valorativa do ideário clubístico, a partir da qual a diversidade e até mesmo a quantidade de aficcionados sobrepõem-se à homogeneidade e à seletividade característica dos clubes de elite. Neste particular, os clubes-equipas, mais flexíveis, ganharam adeptos rapidamente, superando uma etapa cujo ônus levou alguns clubes de elite ao abandono do futebol e outros tantos a beirar a extinção, como foi o caso dos quatro “grandes” clubes paulistas do início do século.

Outro dado impressionante do trabalho de Frydenberg se refere ao número de clubes-equipas, em torno de 350, e ligas independentes, mais de 10, na Buenos Aires

de 1907, quatorze anos após a introdução do futebol na capital argentina. Um levantamento análogo ainda está por ser efetivado no caso brasileiro mas, posso adiantar desde logo, há boas razões para se acreditar que não haverá muita discrepância. Monteiro Lobato (in: César:150), por exemplo, afirma que “já no ano de 1905, só em São Paulo, existiam cerca de 250 clubes de futebol, todos integrados por indivíduos pertencentes às camadas altas”.²⁷

Como a grande maioria destes clubes-equipes não conseguiu fazer frente às exigências do “profissionalismo marrom” e, mais tarde, do profissionalismo oficial, acabaram desaparecendo com a mesma rapidez com que foram fundados. A própria estrutura organizacional do futebol acabou impondo, antes mesmo do profissionalismo, restrições à participação de clubes nos campeonatos organizados pelas ligas ditas oficiais. A exclusão tornou-se irremediável, nem tanto pela inviabilidade de se organizar uma disputa com, digamos, cinco ou seis dezenas de clubes, e sim pela opção clara em favor do equilíbrio das disputas e, por extensão, da competitividade. Nesta perspectiva, ocorreu uma hierarquização dos clubes, subdivididos em primeira, segunda e até terceira divisões. Ainda assim, a grande maioria dos clubes-equipes permaneceram alijadas dos certames oficiais e, por extensão, do profissionalismo.

Sem o aporte financeiro da elite dirigente, muitos clubes-equipes tornaram-se moribundos até serem extintos. Outros permaneceram no amadorismo que, com o advento do profissionalismo, perdeu a conotação prestigiosa do início do século e tornou-se sinônimo de pobreza, falência irremediável e assim por diante. “Amadores” tornar-se-ia, cada vez mais, um predicativo dos torcedores mas, para ter torcida era indispensável participar do calendário oficial e isto pressupunha aporte financeiro. Nessa bola de neve, a tendência foi a concentração da elite dirigente e até mesmo dos

²⁷Basta consultar os jornais da época, o que fiz com o Correio do Povo, embora sem a preocupação de catalogar estes dados, e então se observará o anúncio - em geral pago - da criação de novos clubes e de desafios destes para com outros já existentes - via de regra, tais desafios eram acordados informalmente e depois publicados como forma de legitimar e atribuir status à nova agremiação e ao embate. O levantamento pormenorizado destes clubes-equipes foge aos objetivos desta dissertação mas, à guisa de ilustração, segue um dado que colhi enquanto pesquisava outros assuntos. Trata-se do “Primeiro Campeonato de Futebol Inter-Cruzeiros” anunciado no Correio do Povo em 6.3.1952. Naquela ocasião, cinco “cruzeiros” já haviam confirmado presença: o E.C. Cruzeiro Central, do SESI; Associação Cruzeiro do Norte, ex-alunos do SENAC; Cruzeiro Aéreo F.C., dos funcionários da VARIG; Cruzeiroinho, do bairro Navegantes; e Cruzeiroinho da Bento Martins (“Clube da Montanha”), formado por moradores da Duque de Caxias, Riachuelo e Bento Martins, ruas centrais de Porto Alegre. Seguem-se novas adesões nos dias subsequentes, com “cruzeiros” da Grande Porto Alegre, perfazendo um total de 14 clubes para o início das disputas. Embora já estejamos em 1952, período em que o profissionalismo havia se consolidado, estes clubes, que permaneciam no amadorismo, dão uma idéia de como se organizavam enquanto agremiação - ruas, bairros, funcionários de grandes empresas, etc - e enquanto ligas - criando, por exemplo, o “Intercruzeiros”.

torcedores em torno de um número bastante reduzido de clubes que, no decorrer do processo, doloroso para muitos torcedores que ficaram órfãos, foram-se constituindo as “grandes torcidas” e o “grupo dos 13”.²⁸

2.2.3. Os clubes de fábrica

Os clubes de fábrica diferem, substancialmente, dos clubes de elite e dos clubes-equipas. Enquanto estes últimos se constituíram pela livre iniciativa de seus sócios-fundadores, os clubes de fábrica foram incentivados pelos industriais, no princípio os ingleses e mais tarde os grandes empresários em geral.

Se, desde as *Public Schools*, o futebol havia se tornado “um meio de ocupar a menor custo” o tempo dos internos - “quando os alunos estão no campo de esportes, é fácil vigiá-los, [pois] dedicam-se a uma atividade ‘sadia’ e direcionam sua violência contra os colegas ao invés de direcioná-la contra as próprias instalações ou de atormentar seus professores” (Bourdieu, 1989:146) -, o mesmo equivale em relação ao lazer dos trabalhadores no interior dos clubes de fábrica.

O The Bangu Athletic Club constitui o exemplo clássico de um clube de fábrica. Diferentemente dos seletos The Payssandu Cricket Club, fundado entre 1880 e 1886, e do Rio Cricket and Athletic Association, extinto quando os ingleses retornaram ao seu país de origem para combater na I Grande Guerra, o Bangu não era restrito aos ingleses e/ou à elite do Rio de Janeiro. Desde sua fundação, em 1904, o Bangu contou com a presença de outros imigrantes europeus e até mesmo de brasileiros, desde que funcionários da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial do Brasil. Situada no bairro de Bangu, esta companhia, administrada por ingleses, não apenas admitia como incentivava a participação de seus funcionários no time da fábrica. Num exemplo que seria seguido por outras grandes empresas, como a Light & Power, em São Paulo, já na década de trinta (cf. Antunes, 1996); a Companhia Carbonífera, em Criciúma, na década de sessenta (cf. Silva Jr., 1996); a A. J. Renner, em Porto Alegre, entre as décadas de 40 e 60 (cf. Dienstmann, 1987); e outras tantas espalhadas por quase todas

²⁸ No próximo capítulo, voltarei a este assunto com um caso específico de clube-equipe que prosperou, o Sport Club Internacional, para que se possa entender melhor a complexidade deste “processo seletivo” tratado aqui de forma bastante genérica.

as grandes cidades brasileiras, criava-se uma modalidade de clube que contribuiria em larga escala para a popularização do futebol e dos respectivos clubes no Brasil.

Enquanto os ingleses da Companhia Progresso mantiveram para si o exclusivismo do *cricket* e os executivos da Light & Power inclinavam-se mais para o tênis, o xadrez e o remo, entre outros, o futebol se consolidou como o esporte de preferência popular. Além de aumentar o prestígio das empresas, entre seus próprios empregados e da população das vilas ou bairros operários, o futebol cumpria outras funções igualmente desejadas pelos industriais. Motivação no trabalho e controle do lazer - especialmente se os jogos fossem praticados em espaço cedido pela empresa era mais fácil contornar os distúrbios e o alcoolismo, grandes responsáveis pelas faltas injustificadas e quebra na produção - constituíam-se, do ponto de vista dos industriais, num ganho secundário que compensava os gastos com campo, fardamento, “faltas justificadas”, “bichos”, etc.

Outro ganho secundário dos patrões tinha a ver com a correlação inversamente proporcional entre a mobilização esportiva e a organização sindical. No que se refere a disputa pelo tempo livre dos trabalhadores, uma luta *tête-à-tête* entre a classe patronal e os sindicalistas, o futebol constituía-se numa arma poderosíssima; aos primeiros, evidentemente. Os incentivos deliberados à prática e fruição esportiva provocavam a ira dos sindicalistas, cujas assembleias tinham seu quorum diminuindo na mesma proporção que aumentavam as aglomerações em torno do campo. Para anarquistas e comunistas não poderia haver afronto maior de parte dos patrões do que marcar a final do campeonato interno para 1º de maio. Perceberam o futebol, desde logo, como um esporte burguês, “poderoso ópio capaz de minar a união e a organização de classe” (Antunes, 1994:106). Apesar das resistências, uma das soluções encontradas, especialmente pelos comunistas, foi a incorporação deste esporte em seus discursos tentando organizá-lo de maneira tal que pudesse contrapor-se a cultura burguesa.

Cultivaram expectativas um pouco exageradas (...), chegando a propor a criação de uma federação que reunisse clubes de futebol organizados pelos sindicatos. (...) Tendo ou não alcançado esse intento, o certo é que tanto anarquistas quanto comunistas tiveram participação importante na difusão do futebol entre a classe operária, notadamente entre os trabalhadores de alguma forma vinculados a sindicatos e associações de classe (:107).

Tanto a condenação do esporte por parte dos sindicalistas quanto os ganhos secundários dos empregadores, precisa ser relativizada. É assim que procede Leite

Lopes (1992) quando problematiza esta questão a partir da trajetória de Garrincha, fichado aos quatorze anos na Companhia América Fabril, sediada em Pau Grande, região serrana do Rio de Janeiro.

Ainda que a imagem que o público faz das origens de Garrincha não corresponda à de um operário, mas sim de um camponês ou de um (bom) vagabundo, sua juventude foi de fato a de um operário do setor têxtil, nascido em uma família que habitava uma vila operária em meio rural. Tais informações parecem importantes para elucidar os “mistérios” de seu futebol livre e imprevisto. Estes podem, realmente, ser eficazmente relacionados com os mistérios da vida social cotidiana do grupo operário de onde ele proveio, pois um dos enigmas próprios aos trabalhadores habitantes dessas cidades “paternalistas” com caráter de “instituição total” é que, ao olharmos de mais perto, descobrimos terem eles uma certa mobilidade, indisciplina e “liberdade”, que se exercia no próprio interior desse modo de dominação patronal que, além de sua produção industrial, controlava toda a sua vida social. Até mesmo dentro da fábrica, uma certa indisciplina e uma “cultura de oficina” podem desenvolver-se, parecendo quase indispensáveis para a boa gestão da produção. Além disso, graças à exploração autônoma de recursos oferecidos pela empresa (...), esses operários, geralmente de origem camponesa, beneficiavam-se de condições de vida mais favoráveis do que poderíamos presumir, tendo em vista apenas os seus empregos industriais. Outras estruturas ainda estavam à sua disposição, como assistência médica, associações religiosas, grupos folclóricos e essa instituição urbana que é o clube de futebol (:125-6).

Para os operários e a comunidade forjada a partir das fábricas, a oferta de lazer em geral e do futebol em particular era extremamente valorizada. Os clubes de fábrica estabeleciam uma relação de parceria com esses novos aglomerados urbanos, em grande parte constituídos por imigrantes camponeses, cumprindo um importante papel de coesão e produção de identidades sociais. Se de Pau Grande não tivesse surgido Garrincha, provavelmente a fábrica - desativada na década de sessenta -, o clube da América Fabril e a própria vila operária não fariam parte de um dos capítulos mais apaixonantes da história do nosso futebol. Antes de ser levado para o Botafogo, em 1953, Garrincha vestia a camisa 10 do Sport Club Pau Grande, imprimindo sucessivas goleadas nos demais clubes amadores da região. Graças ao seu “capital futebolístico”, Garrincha tinha assegurado um emprego na América Fabril. Displicente e faltoso, chegou a ser demitido durante duas semanas. Não mais, pois não sendo funcionário não poderia jogar no Pau Grande e este, por seu turno, não era o mesmo sem Garrincha.

O sucesso dos clubes de fábrica se estendeu, no plano genérico, até a “euforia” dos anos 1950-64, “relativamente mais favoráveis às classes populares no plano

econômico, político e das liberdades públicas” (Leite Lopes, 1992:133) e, no plano futebolístico, com a transição, mais ou menos lenta em diferentes estados brasileiros, do amadorismo para o profissionalismo.²⁹ A medida que o “passe” e o salário dos jogadores foram, progressivamente, atingindo cifras incompatíveis com a possibilidade das empresas e até mesmo em razão da nacionalização das disputas, os clubes de fábrica perderam espaço e a maioria deles desapareceram, em alguns casos paralelamente às fábricas, como no caso do Sport Club Pau Grande. Outros, como o Bangu e o Renner, ainda existem, mas sobrevivem a duras penas. O Bangu ainda participa da primeira divisão carioca enquanto o Renner, campeão Gaúcho de 1954, teve que juntar-se ao São José, também de Porto Alegre, para figurar na “Série B” do Campeonato Gaúcho.

A derrocada dos clubes de fábrica deixou “órfão” um grande contingente de torcedores. O drama só não foi maior porque boa parte desses torcedores já havia migrado para os grandes clubes simultaneamente a seus ídolos. Neste particular, a trajetória de Garrincha mostra-se, mais uma vez, paradigmática. Na sua estréia, em 1953, contra o Bonsucesso, Garrincha marcou três vezes. A cada gol dirigia-se para o mesmo setor das arquibancadas e levantava os braços sem que os demais torcedores compreendessem as razões pelas quais a cena se repetia.

Terminado o jogo, dirigentes e torcedores viram-no sair de campo nos ombros de dois jovens negros [Pincel e Swing] que gritavam “Garrincha!” e que vibravam como se ele tivesse derrotado (...) o escrete uruguaio. À saída do estádio, sempre com Garrincha nos ombros, os dois se juntaram a um cortejo que desfilou fazendo carnaval pelas ruas perto do estádio. (...) Uma caravana empoleirara trinta pau-grandenses num caminhão e passara o jogo inteiro gritando o seu nome. Ao fim da partida, depois de carregado em triunfo pelas ruas ao redor do estádio, Garrincha também se aboletou na caçamba do caminhão e voltaram todos para Pau Grande, soltando foguetes pela estrada e bebendo pinga pelo gargalo.

A chegada a Pau Grande foi uma apoteose. O caminhão trazendo Garrincha foi recebido com novo foguetório, estourado pelo povo da cidade assim que ele despontou na curva. (...) A cena repetiu-se muitas vezes: à saída do jogo, em qualquer estádio, era infalível ver um ou dois caminhões de Pau Grande regurgitando de gente, com

²⁹ Vale lembrar que, mesmo nos primeiros anos do profissionalismo, o salário dos jogadores, mesmo aqueles vinculados aos grandes clubes, não havia atingido às cifras atuais (cf. Castro, 1995:94-103). Assim, o emprego na fábrica, que dependendo da performance futebolística poderia render ao atleta uma promoção à cargo de chefia no baixo-escalão, era muito valorizado, especialmente por ter “carteira assinada”. O caso de Pedrinho, Flazio e Zezinho, ex-atletas do Metropol, de Criciúma, demonstra a importância dos vínculos com a empresa que financiava o clube. Graças à carteira assinada, “os três jogadores possuem, como principal fonte de renda, a aposentadoria na Carbonífera Metropolitana” (Silva Jr., 1996:211).

Garrincha de pé na caçamba, precariamente equilibrado, voltando vitorioso - ou não - para sua cidade (Castro, 1995:70-1).

Os vínculos com a vila operária e, principalmente, com o ethos desses trabalhadores jamais foram superados por Garrincha. Teve uma vida tumultuada, marcada por inúmeras tragédias pessoais e familiares fora de campo mas, nem por isso, deixou de ser a “alegria do povo”. Seu ritual fúnebre revelou, de uma vez por todas, segundo interpretação de Leite Lopes, a profunda identificação entre Garrincha e “uma certa classe operária, a das vilas operárias tradicionais” (1994:134).

Esta identificação projetada num jogador, como no caso de Garrincha, ou num clube, como os clubes de fábrica, não desapareceu com a morte do primeiro ou a derrocada dos últimos; foi apenas deslocada para aqueles que, num primeiro momento se caracterizaram como clubes de elite ou clubes-equipes e, com o passar dos anos, foram-se popularizando. Os clubes de fábrica deixaram importante contribuição para as próprias classes trabalhadoras, demonstrando, através das performances irregulares, que se ganha ou se perde mas se permanece num mesmo lugar. Contribuíram também para a coesão social nos bairros e vilas operárias e na consolidação, no âmbito do pertencimento clubístico, de uma série de valores morais, entre os quais se inclui a noção de fidelidade ao clube pelo qual se torce, especialmente quando este clube, como no caso dos clubes de fábrica, representava não apenas a patronagem mas, fundamentalmente, a ascensão do operariado. Por isso Garrincha era exibido como um troféu e, sempre que possível, levado de volta a Pau Grande para festejar com os seus. Morreu tragicamente em 1983 e foi enterrado na vila operária onde nasceu e aprendeu jogar futebol.

2.2.4. As “Peladas”: um contraponto

A distinção aqui esboçada entre os clubes de elite, os clubes-equipes e os clubes de fábrica deve ser entendida, antes de mais nada, como uma tentativa de agrupar diferentes modalidades de prática e fruição do futebol a partir de critérios analíticos. Sendo assim, convém esclarecer que, do ponto de vista dos futebolistas e torcedores, as distinções sugeridas certamente não se apresentam tão nítidas como eu as apresentei. A mobilidade dos jogadores, como no caso de Garrincha, que iniciou sua carreira no “profissionalismo marrom” de um clube de fábrica e mais tarde se transferiu para o profissionalismo “oficial”, no Botafogo, demonstra o quanto estas instituições estão

interligadas. Só que, antes mesmo de entrar para a Companhia América Fabril, Garrincha - e o mesmo pode ser dito de quase todos os atletas profissionais daquela época - jogava futebol com seus amigos de infância; era, como se diz no jargão futebolístico, um “peladeiro”.

A “pelada”, que Guedes (1982) caracteriza como a “instituição zero” do futebol é, indiscutivelmente, o ponto de partida para o aprendizado das técnicas futebolísticas, especialmente no caso brasileiro onde a “rua” é tão ou mais importante do que a escola - ou outras instituições do gênero - na socialização dos meninos (cf. Da Matta, 1982). Segundo Rosenfeld, o termo “pelada” surgiu tendo como referência os campos de subúrbio, “improvisados, sem grama, de chão batido”, o oposto dos *fields* ou *grounds*, da elite. Embora os terrenos baldios e os campos de várzea tenham sido deslocados para a periferia das cidades ou simplesmente desaparecido, em razão da especulação imobiliária, as “peladas” e seu público, constituído, em sua maioria, pelas classes trabalhadoras, têm resistido bravamente, recriando, na periferia, um espaço destinado ao lazer e à sociabilidade. A este espaço físico que corresponde a uma determinada rede de sociabilidade, Magnani (1982; 1996) denomina “pedaço”:

aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (1996:32).

É nos pedaços e através das “peladas” que grande parte dos brasileiros aprendem a jogar futebol, especialmente aqueles para quem é vedado o acesso às instituições formais - clubes, escolinhas, etc -, até mesmo por razões de ordem econômica. Além do domínio das técnicas corporais propriamente ditas, na conotação que Mauss (1974) atribui ao termo, nas peladas são aprendidos certos códigos, valores e atitudes que dizem respeito à sociabilidade e ao conflito dentro e fora do grupo, do time e do pedaço. A principal diferença das peladas em relação ao futebol “oficial”, que é também a diferença entre o pedaço e os clubes, está na forma como são mediados os conflitos. Enquanto nos clubes se aprende a respeitar as regras oficiais, o juiz e o professor, nas peladas se apreende a estabelecer parâmetros éticos *ad hoc* e a conviver com estes códigos instáveis pois, em geral, a figura do mediador inexistente, ou melhor, são os próprios jogadores que desempenham este papel. Portanto, não há nas peladas um código disciplinar fixo e tão pouco dispositivos para punir, a posteriori, uma jogada

violenta, por exemplo. Não há sequer parâmetros preestabelecidos, como nas regras oficiais, para se determinar se uma jogada mais brusca é, de fato, desleal e como tal sujeita ao revide, ou, se deve ser admitida consensualmente entre os praticantes. Por tudo isso, a pelada se constitui num espaço privilegiado não apenas à prática do lazer em geral e do futebol em especial mas como “instituição” laica onde se aprende e se ensina noções elementares de fidelidade, honradez e pertencimento grupal.³⁰

Dizer que as peladas contribuíram, decisivamente, no processo de popularização do futebol no Brasil torna-se uma obviedade; é preciso dizer como. Por um lado, sempre existiu uma relação de complementaridade entre o futebol das peladas e aquele trazido por Charles Miller. Há quem atribua às peladas a constituição do “estilo brasileiro de jogar futebol”, não apenas diferente mas oposto aquele praticado pelos europeus (voltarei a este tema no último capítulo). Independente desta afirmação ser ou não procedente, o certo é que as peladas foram, por muito tempo, um “celeiro de craques” e o ponto de partida para a fundação de clubes, especialmente daqueles que competem nas ligas amadoras. De outro lado, as peladas, a medida que praticadas em larga escala, contribuíram e ainda contribuem na formação de jogadores³¹ que cedo ou tarde formarão o público torcedor, indispensável à sobrevivência dos atuais “grandes” do futebol brasileiro.

“Pelada: um contraponto” não estava previsto no roteiro inicial mas teve de ser escrito para deixar claro que, apesar da importância dos clubes de elite na disseminação do habitus esportivo e dos ideais associacionistas, este modelo foi oxigenado pela

³⁰ Em razão destas peculiaridades, as “peladas” são tomadas, freqüentemente, como uma manifestação lúdica, artística e democrática da cultura popular. O futebol praticado nos clubes seria, então, o oposto: competitivo, burocrático e excludente. Nem uma coisa nem outra, como mostra um trabalho de Guedes (1982) entre os operários de uma indústria têxtil do Rio de Janeiro com passagem por clubes “semi-profissionais”. O depoimento destes “jogadores frustrados” contesta a idéia de conformidade das classes trabalhadoras em relação à “pelada”. Trata-se, evidentemente, de uma prática importante desde o ponto de vista da construção e desconstrução da masculinidade, da sociabilidade e do lazer. Todavia, o “peladeiro” não deixa de ser um profissional fracassado, especialmente no interior destes grupos para os quais o futebol se constitui numa possibilidade - em geral, referida como “sonho” - de ascensão social e econômica. Entre os “profissionais frustrados”, incluindo os que apenas sonharam e outros que tentaram, como maior ou menor êxito, realizar este sonho, a tendência é a valorização dos times “uniformizados”, “calçados” e que participam regularmente de competições no circuito local, em detrimento dos “peladeiros” por excelência; dos que, por uma razão ou outra estão à margem do verdadeiro jogo, daquele que não se limita a um fim em si mesmo. Em resumo, a apregoada pureza e hiper-valorização das “peladas” deve ser relativizada.

³¹ Embora eu mesmo não tenha me preocupado muito com a distinção entre atletas e jogadores, na maioria das vezes tomados como sinônimos, esta diferença se impõe neste momento. A rigor, o termo jogador é atribuído, indistintamente, a qualquer praticante de futebol ao passo que o termo atleta possui uma conotação restrita, designando aquele que se submete aos treinamentos visando o profissionalismo. Esta distinção é particularmente recorrente nas “categorias de base” dos grandes clubes e serve, inclusive, para demarcar a diferença entre o que “tem futuro” - “profissional”, “atleta”, etc - e outro, que “não tem” - “peladeiro”, “jogador”, etc. Cf. Damo (1995).

versão informal de futebol constituída nas “peladas”. Isto não significa, contudo, que as “peladas” sejam um *laissez-faire*. Por fim, apesar da redução progressiva dos terrenos baldios e dos campos de várzea, e da pouca importância que o poder público em geral confere ao lazer dos trabalhadores, o que é lamentável, a “pelada” não morreu; nem do ponto de vista do lugar, nem em termos de valor pois até mesmo os “profissionais” realizam seus “rachas”.

2.3. Os torcedores e seus clubes

2.3.1. Torcer, participar e significar

De acordo com um dito popular, “gosto e cor não se discute”. Como o “clube do coração”, são consideradas escolhas de natureza pessoal e, até certo ponto, aleatórias. Sendo assim, qualquer discussão cujo tema inclua cor, gosto ou preferência clubística parece enquadrar-se no rol das amenidades e, para muitos, das futilidades; por mais convincente e calorosa que seja a argüição, jamais se chegará a uma conclusão definitiva. O consenso parece ser a única saída e, dado que ele já está posto desde o princípio - “gosto, cor e clube não se discute” -, cria-se uma circularidade intransponível, uma espécie de eterno retorno.

O fato dessas discussões parecerem intermináveis e repetitivas não significa que elas não tenham nexos. Especialmente em se tratando de roupa e comida, onde cor e gosto são fundamentais, a antropologia soube explorar de tal forma os aspectos simbólicos desta discursividade das preferências pessoais e, supostamente aleatórias, que acabou forjando dois chavões muito recorrentes: “você é o que, o como e o onde você come” e “você é o que e o como você veste” (Fine e Leopold, 1993). Não fosse o pertencimento clubístico decorrente de uma escolha única e imutável, portanto, bem diversa do que ocorre com os alimentos e o vestuário, poder-se-ia afirmar que também no futebol “você é o clube para o qual torce, o como e de onde torce”.

Como se sabe, cada clube tem sua própria história marcada por grandes conquistas, vitórias e derrotas inesquecíveis, enfim, um conjunto de fatos e circunstâncias recorrentes na memória dos torcedores. Tais fatos e circunstâncias são invariavelmente identificados com determinada época, local e inúmeros personagens, dentre os quais o narrador - no caso o torcedor - sempre ocupa um lugar de destaque.

Trata-se, antes de mais nada, de um ajuste, de um ordenamento cujos objetivos não se limitam a elaboração de uma narrativa na qual o sujeito se reconhece enquanto pertencente à trajetória do clube - ou parte dela - mas, seguidamente, a adequação desta última numa perspectiva individualizada, condizente com a visão de mundo de um sujeito que se percebe além da condição de torcedor. Neste processo, a trajetória do clube pode e tende a ser constantemente recriada, eliminando-se eventuais contradições entre valores considerados primordiais em outras esferas da sociedade - partidos políticos, por exemplo - e aqueles praticados pelo clube enquanto instituição. Desta elaboração emergem as contradições e idiossincrasias que tornam as discussões futebolísticas absorventes, reveladoras e até mesmo imprevisíveis; pode-se começar pelo resultado do jogo do dia anterior ou com a avaliação do desempenho deste ou daquele atleta, porém, é impossível prever onde e como vai acabar.

Em linhas gerais, a contrapartida da fidelidade clubística se manifesta na liberdade com que cada fiel torcedor tece a história da agremiação à qual torce e, ao tecê-la, torna-se parte dela. Ou seja, o torcedor pertence ao clube da mesma forma que o clube lhe pertence. Assim, pode-se afirmar que “você é o clube para o qual torce” desde que se tenha em mente que a intensidade deste “torcer” pode variar também de acordo com as circunstâncias e com a importância que cada sujeito concede ao esporte, ao futebol e a seu “clube do coração”.

O torcer ou pertencer, como queiram, pode variar, pelo menos no caso do futebol brasileiro, de acordo com as relações de gênero. Entre as representações dos torcedores homens, é comum ouvir-se metáforas que aproximam o amor ao clube do amor a uma mulher. Souza (1996) dedicou um capítulo de sua dissertação sobre o tema da sexualidade no futebol brasileiro, contestando as afirmações de que o futebol seria uma “aula de democracia”. Segundo Souza, as mulheres são excluídas do futebol enquanto sujeito à medida que são, elas mesmas, objeto de discussões, metáforas e analogias futebolísticas. Por ser um campo reservado à “simbólica da masculinidade”, o futebol reforçaria a “dominação tradicional masculina no Brasil” (:77).

Simone Guedes (1982), por exemplo, corrobora a tese de que o futebol, mesmo o torcer, é uma área reservada para os homens. Segundo ela, para torcer é preciso gostar de futebol e

“gostar de futebol” pressupõe “entender de futebol”, o que só é conseguido através da prática do jogo. Isso delimita claramente essa área como masculina porque, além de outras razões, as mulheres não

podem realmente “gostar de futebol”, já que a prática do futebol feminino é pelo menos incomum (:62).

Se o leitor estiver lembrado, já me referi, rapidamente, a esta afirmação de Guedes na introdução desta dissertação. Não tratei de refutá-la por completo mas, baseado em dados quantitativos, contestá-la no que se refere ao pertencimento clubístico. De um lado, os dados estatísticos fazem crer que o pertencimento clubístico é aberto, tanto para homens quanto para mulheres. De outro, têm-se que o futebol é uma área “delimitada claramente como masculina”. Como então resolver este paradoxo sem incorrer numa solução intermediária, tão ambígua quanto superficial, dizendo, por exemplo, que torcer é mais significativo para os homens do que para as mulheres?

O ponto central da questão reside no valor atribuído à experiência. Guedes, por exemplo, considera-a fundamental, indispensável ao entendimento do futebol, embora não especifique sua noção de “entendimento” - afinal, o que é preciso saber de futebol para ser reconhecido como um “entendido”? Tomo, então, a liberdade de supor que o “entendimento” ao qual Guedes se refere implica não apenas o domínio objetivo - saber quem é quem num jogo de futebol; onde devem estar, por quê e como devem proceder os jogadores - mas também subjetivo. Esta segunda dimensão do “entendimento”, fortemente imbricada na primeira, caracterizar-se-ia pelas emoções suscitadas pela dinâmica do jogo ou ainda, por partes específicas desta totalidade; como no caso de um drible, um chute, um gol e assim por diante.

Considerando-se que o futebol pode ser visto como “um sistema de signos, ou seja, uma linguagem” (Pasolini, 1996:33), na qual os jogadores seriam os emissores e os torcedores os receptores, cada lance corresponde a um código que precisa ser decifrado por quem está nas arquibancadas. Desconsiderando-se desde logo uma explicação do tipo causa-efeito, pode-se afirmar que a comunicação entre jogadores e torcedores só é possível graças a função significante que permite com que o drible, por exemplo, possa ser “entendido” por quem o aplaude como algo além de uma simples manobra característica do futebol.

É claro que a experiência prévia ou seja, a prática do futebol, auxilia na compreensão de quão raro, difícil de executar e por isso mesmo valorizadíssimo é, por exemplo, driblar o adversário passando-lhe a bola entre as pernas. Quem já driblou ou foi driblado compreenderá a humilhação e o júbilo que esta manobra representa, mas isto não é tudo. Como a experiência é um evento particular e, portanto, privado, é a significação que possibilita a comunicação (Ricoeur, s/d:27). Sendo assim, tem-se que,

por um lado, determinado lance pode ser compreendido mesmo por quem não está diretamente envolvido nele ou ainda, por quem jamais participou de um evento similar. Basta, para tanto, que ao evento seja atribuído um sentido e isto está ao alcance de qualquer indivíduo independente da questão de gênero.

Esta incursão semiótica - muito aquém do que se poderia considerar uma tentativa de teorização e bastante elementar se vislumbrado o tanto que a ciência dos signos poderia auxiliar na compreensão do futebol - acaba com o paradoxo de gênero explicitado anteriormente. Da mesma forma que a prática do futebol não garante, por si só, o “entendimento” do jogo, nem ao praticante e muito menos ao torcedor, nada independe que um sujeito, seja homem ou mulher, “entenda” perfeitamente o que se passa durante um jogo. A problemática do “entendimento” futebolístico não reside, portanto, na questão do gênero e sim da significação. De mais a mais, o “milagre da significação”, que segundo Ricouer (s/d:27) nos permite superar a solidão da incomunicabilidade, também opera no contexto do futebol. Enquanto a prática deste esporte ainda se caracteriza como uma área notadamente masculina, o torcer está aberto à participação feminina.³² E isto fica claro a partir do entendimento do jogo como uma experiência mimética.

As experiências e o comportamento das pessoas num contexto mimético representam uma transposição específica de experiências e de comportamentos característicos das chamadas coisas “sérias da vida”, quer este termo se refira ao trabalho profissional quer a outras atividades de lazer. Não significa que o último seja uma imitação ou reflexo do primeiro. Refere-se ao fato de que no contexto mimético, o comportamento emocional e as experiências da vida ordinária adquirem uma tonalidade diferente. Aqui podem experimentar-se e, em alguns casos, representar-se sentimentos fortes sem se correr quaisquer riscos (...). Mesmo o medo, o horror, o ódio e outros sentimentos que estão longe de serem agradáveis, e as ações correspondentes ao quadro mimético associam-se em maior ou menor dimensão a sentimentos de prazer (Elias, 1992b:184).

Enquanto prerrogativa de todo e qualquer sujeito significante, a experiência mimética é universal. Porém, no caso específico do futebol, esta possibilidade de “transportar-se para o lugar de outrem”, alterou, substancialmente, a própria designação do público que ocorre aos estádios. Aqueles que no tempo de Charles Miller eram

³² Tanto é verdade que no “I Concurso de Redação” organizado pelo Consulado Mirim do Grêmio, todos os cinco trabalhos premiados foram escritos por alunas do primeiro grau. Segundo Ricardo de Araújo, organizador do concurso, *bem que tentamos incluir um menino entre os cinco primeiros, mas não deu!*

designados de *audience* são hoje os torcedores e a mudança não é apenas termos mas de atitudes. A idéia de co-participação está estampada no próprio verbo:

torcer significa “virar, dobrar, encacarolar, entortar”, etc. O “torcedor” designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que ‘co-atua’ motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto torcida - como massa de fanáticos que berram -, realmente faz (1993:94).

A crença de que os torcedores interferem no andamento do jogo, co-atuando simultaneamente a seus ídolos, está mais disseminada no futebol do que em outros esportes. Diferentemente do tênis, por exemplo, no qual o comportamento do público segue determinados códigos bem específicos, entre os quais o silêncio durante o *match*, ficando, os aplausos, para o final, no futebol não existe uma regra de etiqueta que oriente a co-atuação dos torcedores.³³

O torcedor de futebol é exatamente assim. Quando o jogador faz um gol está apenas cumprindo os desígnios de alguém na arquibancada. Ele se projeta na imagem do ídolo, mas com uma solene diferença: não desperdiça jamais uma bola. Quicou na frente dele, não tem castigo: é gol. Por isso, o torcedor é tão impiedoso com falhas do seu herói. Falo por mim. Eu mesmo, quando moço, do alto da arquibancada, nunca errei um passe e muito menos um chute. Cheguei a perder a conta dos gols que fiz com os pés que nunca foram meus (Nogueira in: Toledo, 1996a:11).

Tanto em Rosenfeld quanto em Nogueira, o torcedor é referido como alguém que participa, efetivamente e a seu modo, do jogo. Como diria Debrun (1982:92), trata-se de uma espécie de “observador participante”, termo muito conhecido entre nós, antropólogos. Entretanto, nota-se nas citações anteriores uma espécie de reificação dos torcedores, expressa na própria designação do “torcedor” como agente universal. Especialmente no caso de Rosenfeld, é interessante notar como os torcedores passam, num primeiro momento, da passividade à atividade, transformando-se de espectadores - aqueles que olham, espreitam, a uma certa distância - em co-autores - que atuam, que

³³ Como ocorreu em 1996, por ocasião da Copa Davis, em que os suecos desistiram do confronto alegando mau comportamento dos torcedores brasileiros, freqüentemente a própria crônica esportiva adverte para a diferença entre o tênis e o futebol. O primeiro, sentenciam, requer extrema concentração dos atletas e, portanto, silêncio absoluto. A platéia, muito próxima da quadra, só deve se manifestar no fim dos *matches* e por meio de aplausos; um padrão comportamental exigido de toda assistência que se pretenda “civilizada”. Manifestações a partir de uma manobra isolada constitui uma gafe tão grave quanto aplaudir um ato em uma ópera ou uma cena no teatro. Porém, de pouco adianta tais incursões pedagógicas pois os brasileiros, mais afeitos ao futebol, violam, sistematicamente, a regra do silêncio.

através de suas ações interferem no real, neste caso, no resultado do jogo. Num segundo momento, os torcedores são reconduzidos à condição anterior, a medida que, “enquanto torcida, como massa de fanáticos que berram”, “o torcedor” é qualificado como fanático - que tem dedicação apaixonada e incontestada - e diluído num coletivo denominado “massa”, cuja ação se expressa através de berros. “O torcedor” dissipa-se na “massa”, cuja atuação apresenta-se como independente dos indivíduos e grupos que a compõem; ocorre, em outras palavras, a reificação do sujeito através de um coletivo que o transcende.

A superação da perspectiva reificante passa, necessariamente, pelo reconhecimento da diversidade do público que ocorre aos estádios bem como das diferentes formas de torcer. Se até mesmo no interior das Torcidas Organizadas existem grupos segmentados de acordo com afinidades que vão desde o gosto musical até o bairro de origem - por exemplo, os *funkeiros* da Cidade Baixa da Torcida Jovem do Grêmio -, poder-se-ia listar outras tantas distinções suficientemente eficazes na ratificação ou redefinição de posições de classe, identidades sociais, padrões éticos e estéticos e assim por diante. A própria frequência aos estádios, o domínio de informações de bastidores, o consumo de mercadorias associadas à imagem do clube e o comportamento durante os jogos, são apenas alguns dos tantos critérios elencados para classificar e hierarquizar as diferentes intensidades e formas de expressão do pertencimento clubístico. Não há, portanto, um “tipo ideal” de torcedor que possa ser generalizado. Ou melhor, forjar esse “tipo ideal” seria desconsiderar a diversidade característica do universo futebolístico.

É evidente que referências mais genéricas são as vezes necessárias quando se quer evocar não o indivíduo, o gremista fulano de tal, por exemplo, mas a coletividade da qual este torcedor faz parte. Entre os torcedores, as referências genéricas são muito comuns: colorado é isto, gremista, aquilo, e assim por diante. Entretanto, antes de adotar a visão êmica é preciso entender como ela opera para não reificá-la.

2.3.2. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes como categorias do entendimento

Na segunda parte deste capítulo - “O *habitus* associacionista e o futebol no Brasil” - apresentei uma síntese acerca das várias matizes que deram origem aos clubes de futebol no Brasil, especialmente o “grupo dos 13”. Valendo-me de dados históricos e de considerações mais alargadas sobre a popularização do próprio futebol, apresentei os clubes de uma forma que nem sempre corresponde aquela cujos torcedores os percebem. Para estes últimos, os clubes, na maioria das vezes, se constituem numa espécie de entidade virtual cuja existência real só é notada quando o time entra em campo. O Inter, por exemplo, tinha uma torcida estimada em pouco mais de 4,5 milhões de colorados em 1993 mas, nos últimos dez anos, nunca ultrapassou os 10 mil associados. Considerando-se ainda que a grande maioria dos 4,5 milhões de colorados nunca viu seu “time do coração” jogar “ao vivo” e nem por isso se consideram menos apaixonados, convém uma indagação: que espécie de pertencimento é este? Afinal, o que desperta tanto fascínio no “clube do coração”?

O mote levistraussiano forjado a partir do estudo estrutural do totemismo (Lévi-Strauss, 1975) não esgota as questões precedentes mas fornece algumas pistas. “Bons para torcer, bons se para pensar” não é uma transposição de “bons para comer, bons para se pensar” e, ao apropriar-me desta formulação não estou adotando aqui por diante uma perspectiva estruturalista nos termos do mestre francês e tampouco pretendendo aproximar diferentes modelos de sociedades. Pretendo, isto sim, sugerir uma hipótese genérica segundo a qual os clubes de futebol, especialmente o “grupo dos 13”, constituem-se numa espécie de “categorias do entendimento” para aquela parcela de brasileiros que se diz apaixonada pelos “clubes do coração”. A hipótese, como se pode ver, é arrojada e serve como pano de fundo para se ler os capítulos seguintes.³⁴ Porém, antes de chegar até eles, é preciso fazer algumas ponderações.

O “ser gremista”, tomado isoladamente, pouco tem a dizer. Descobri isto ao longo do trabalho de campo quando percebi que toda vez que formulava perguntas do tipo, “qual o significado de ser gremista” ou “como você definiria um gremista”, punha

³⁴ Como estou escrevendo uma dissertação e não uma tese, formular uma hipótese como esta pode parecer estranho ou equivocado. Não tenho a pretensão de tornar minha hipótese uma tese mas se fiz questão de enunciá-la é, antes de tudo, para fornecer ao leitor uma idéia de como estruturei este trabalho; por que certas questões e não outras tantas que poderiam ter sido investigadas numa esfera tão ampla como é o futebol.

meus informantes numa situação embaraçosa. Os olhares se voltavam para o horizonte e, via de regra, as respostas eram evasivas ou redundantes: “ser gremista é ser gremista”, “não tem como explicar”, “é cultuar o clube”, “é expressar seu gremismo em todos os lugares e em todas as circunstâncias”, e assim por diante. Marcelo, 17 anos e membro da Torcida Jovem, foi um dos poucos a responder prontamente; depois de um sorriso sarcástico, sentenciou: *o verdadeiro gremista é um anti-colorado, não tem jeito!*

Embora o Grêmio e o Internacional formem uma dupla muito peculiar, (ver Cap. III), a paixão por um clube, seja qual for, implica também na aversão por “outro”. Nesta perspectiva, dizer-se gremista é, mesmo que veladamente, dizer-se anti-colorado e não-flamenguista, palmeirense, santista e assim por diante.

De outra parte, os clubes são associados a outras categorias do social. As rivalidades, por exemplo, giram em torno de sentimentos vinculados a “grupos primordiais, aqueles em que nascemos, quer se concentrem na língua, costume, religião, raça, tribo, etnia ou lugar” (Lever, 1983:26). E o mais impressionante é que um único destes “sentimentos primordiais” é capaz de segmentar duas extensas comunidades simultaneamente coesas em si mesmas e rivais entre si. Quando o Grêmio é identificado como um “clube de elite”, por exemplo, o Inter torna-se, automaticamente, o “clube do povo”, e vice-versa. É claro que as identidades clubísticas não se resumem a identificações desta ordem mas não há como negligenciar que tais associações tem muito a ver com o contexto mais amplo da sociedade. Ou seria mera coincidência o fato dos clubes brasileiros, em geral, estarem vinculados às noções êmicas de “raça” e “classe social”?

No futebol brasileiro todo clube tem seu “outro”, seu “contrário”. É assim em Porto Alegre, com o Gre-Nal; na Bahia, com o Ba-Vi; em Pelotas, com o Bra-Pel; e até em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde existem mais de dois “grandes”, predominam as rivalidades entre Corinthians *versus* Palmeiras e Flamengo *versus* Fluminense, respectivamente. Outro dado importante é que as maiores rivalidades são entre clubes locais, da mesma cidade, e isto se deve, em parte, ao fato dessas rivalidades terem se constituído num período em que preponderavam as disputas pelas ligas metropolitanas, até mais ou menos os anos 30 e, portanto, sob a égide do amadorismo.

Para muitos torcedores, cronistas esportivos e até mesmo pesquisadores, essas rivalidades tiveram origem no contexto de fundação dos clubes; o exemplo do Flamengo, surgido a partir de uma debandada de atletas do Fluminense é um dos mais recorrentes. Sem negar a procedência desta explicação, é preciso indagar, contudo, as

razões pelas quais tais rivalidades, partindo de disputas muitas vezes restritas a um grupo reduzido de praticantes, assumiram os contornos atuais.

Parte desta resposta encontra-se na própria dinâmica dos esportes coletivos. A partir desta dinâmica, Elias e Dunning (1992c) desenvolveram a noção de configuração, “um complexo de polaridades interdependentes criadas no padrão de jogo” (:293), e estenderam-na ao comportamento dos torcedores. Como a existência de dois grupos antagonistas é condição necessária à realização de uma partida de futebol, Elias e Dunning acreditam que a dinâmica dos torcedores segue a mesma lógica. Isto não significa que a ação dos torcedores seja uma simples reação, uma consequência daquilo que se passa dentro de campo, mas, enquanto grupos *ad hoc*, identificados com a disputa, orientam - mediatizam - suas ações tendo como horizonte mais próximo o desenrolar do jogo e o comportamento dos torcedores oponentes. Isto é válido, inclusive, naquelas circunstâncias em que, no estádio, praticamente todos os presentes pertencem a apenas uma das agremiações.³⁵

Na verdade, o comportamento antagônico, seja dos times ou dos torcedores, não é uma exclusividade do futebol. Trata-se de um componente estrutural do próprio jogo, entendido como um ritual disjuntivo, e que só pode ser apreendido em sua totalidade.

Diferente do que ocorre nos rituais das sociedades pré-industriais e nas sociedades primitivas, onde a lógica do ritual separa de antemão os envolvidos (iniciados e não-iniciados), para num momento posterior promover a união, junção em uma só categoria ou classe (todos iniciados), inversamente o jogo parte de uma situação de igualdade (...) e, ao final de seu desenvolvimento, promove uma cisão, uma diferenciação entre perdedores e ganhadores. De uma simetria pré-ordenada em virtude da isonomia das regras entre os participantes chega-se a uma assimetria engendrada pelas contingências do acaso, talento, circunstâncias outras, que levam alguns a ganharem e outros a perderem (Lévi-Strauss in: Toledo, 1995:134).

Afinal, o que se ganha ou perde com o futebol? Com a profissionalização e o incremento mercadológico, o resultado de um jogo pode implicar em ganhos e perdas

³⁵ Há vários exemplos de como se pode aferir a “presença virtual” do “outro”. Num jogo Grêmio e Goiás, por exemplo, pela última rodada classificatória do Campeonato Brasileiro de 1996, os torcedores gremistas fizeram festa mesmo com a derrota do seu time por 3 a 1. Lá pelo final do jogo, o placar eletrônico do Olímpico anunciou: “torcedor gremista: ‘eles’ estão fora!” “Eles” referia-se, evidentemente, aos colorados, cujo time jogara, perdera e se desclassificara diante do Bragantino, em Bragança Paulista, paralelamente ao jogo do Grêmio. Outro exemplo que atesta a “presença virtual” são aquelas comemorações esporádicas: sem mais nem menos, os torcedores do Grêmio se levantam e esmurram o ar, durante o intervalo do jogo do Olímpico, por exemplo. Claro, em algum lugar deve estar sendo marcado um gol contra o Inter, não resta dúvida; basta sintonizar o rádio e comprovar. Aliás, esta é uma das razões pelas quais o rádio faz parte do *kit* dos torcedores.

reais. Do camelô ao cambista e dos jogadores aos patrocinadores, uma quantidade significativa de pessoas dependem economicamente do futebol e para estes, vitórias e derrotas são mensuráveis à medida que envolvem dinheiro, e, não raro, apenas isto. Entretanto, para os torcedores, ganhos e perdas são preponderantemente simbólicos. A rigor, economicamente, os torcedores só perdem, pois, a menos que ocorram apostas informais entre eles, o valor do ingresso e os demais investimentos monetários para se freqüentar o estádio - gastos com camisetas, bonés, lanches, bebidas, passagens de ônibus e assim por diante - não possuem retorno pecuniário. Ao contrário dos jogadores, os torcedores permaneceram no amadorismo.

Como “cada jogo é um jogo”, diz um adágio popular, a cada evento são “jogados”, do ponto de vista dos torcedores, códigos, valores e atitudes de acordo com a peculiaridade dos clubes envolvidos no confronto. A trajetória pregressa de cada um deles, do confronto entre eles e as implicações mais imediatas que o resultado do embate pode acarretar, constituem os elementos mais significativos a serem mobilizados pelo que caracterizarei como a dialética da temporalidade do evento e da tradição.

Na “temporalidade do evento”, ou seja, no ritual disjuntivo e, portanto, nos 90 minutos de “bola rolando”, destacam-se os aspectos propriamente emotivos do embate futebolístico. Não é, contudo, uma temporalidade linear. O gol, por exemplo, engendra o contraste e a ruptura dentro da própria temporalidade do ritual. O contraste entre os jogadores que comemoram e os que, cabisbaixos, tratam de se recompor entre a explosão e o silêncio das arquibancadas. A ruptura temporal, uma espécie de fissura na fissura, pois o tempo do jogo já é um tempo diferenciado do cotidiano, transcende seu significado mais imediato. Encerra, seguindo Ricoeur (s/d), um “excesso de sentido”, próprio da fugacidade do evento e da emoção a ele associada ou, de acordo com Bachelard (1988), trata-se de um tempo “espesso”, “vertical”, marcado mais pela sua “riqueza e densidade” e menos pela “duração”.

A “temporalidade da tradição” não deve ser confundida com a memória coletiva e tão pouco com a história dos clubes, seja “oficial” ou não, mas está intimamente ligada a estas duas. A “temporalidade da tradição” agrega a tradição - a “tradição do Gre-Nal”, por exemplo, que resulta de sobreposições e arranjos múltiplos produzidos pelos vários segmentos que constituem o universo futebolístico - a um tempo que não é o tempo do jogo propriamente dito. É o tempo do cotidiano, ligado ao espaço da casa e da rua, do trabalho e do lazer, onde se “discute futebol”. Nesse tempo é que se circulam

as anedotas, os mitos, enfim, é onde se inventam as tradições que aproximam futebol e sociedade e garantem ao primeiro um encadeamento histórico. Sem a dialética do evento e da tradição, o futebol seria apenas uma seqüência ilimitada de jogos; não seria sequer um ritual e tampouco disjuntivo pois o evento não teria o que atualizar e a tradição não teria como fazê-lo.

Os jogadores não são galos nem o futebol uma rinha e, tampouco, os brasileiros são balineses. Metáforas e alegorias devem ser compreendidas enquanto tais e, portanto, o futebol não pode ser reduzido a elas. Contudo, um jogo será sempre um jogo, mais ou menos absorvente de acordo com o risco e a tensão por ele despertado. Tanto a briga de galos quanto uma partida de futebol podem ser apreciadas simplesmente pelo espetáculo que galos e jogadores podem proporcionar; basta que se entenda um pouco de rinha e de futebol. Mas serão mais espetaculares ainda se se puder identificar o *status*, a história e a tradição aos quais galos e jogadores “pertencem”. Nesta perspectiva, a temporalidade do evento e da tradição constituem a foça motriz da dinâmica de grupo de um jogo de futebol. Enquanto a temporalidade do evento depende, em grande parte, do equilíbrio e do empenho entre as equipes envolvidas no confronto, a temporalidade da tradição está permeada por simbolismos que vão desde as categorias sociais e culturais que os clubes são capazes de representar e confrontar até a intensidade com que os torcedores se identificam com tais categorias; ou seja, isto pressupõe um mínimo de conhecimento prévio da trajetória pregressa do seu “clube do coração” e do adversário. Assim, um jogo poderá ser excitante mesmo que tecnicamente fraco, basta que a tradição lhe assegure uma posição de destaque; o inverso também é verdadeiro. Mas, é quando ambas as temporalidades se sobrepõem com vigor e intensidade que o jogo se torna verdadeiramente absorvente; “inesquecível”, como dizem os torcedores. O contrário porém, é indicativo de estádio vazio, de torcedores dispersos pelas arquibancada e, principalmente, de uma pertença frágil e inconsistente.